



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

AUCÍLIA MARIA SANTANA SILVA

VIVENCIANDO VULNERABILIDADES: UM ESTUDO DE
CASO DE FAMÍLIAS RESIDENTES NO BAIRRO DA PAZ

Salvador
2019

AUCÍLIA MARIA SANTANA SILVA

**VIVENCIANDO VULNERABILIDADES: UM ESTUDO DE
CASO DE FAMÍLIAS RESIDENTES NO BAIRRO DA PAZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos
Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos

Salvador
2019

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

S586 Silva, Aucília Maria Santana
Vivenciando vulnerabilidades: um estudo de caso de famílias residentes no
bairro da Paz / Aucília Maria Santana Silva. – Salvador, 2019.
76 f.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos.
Coorientadora: Prof^a. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria
de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade
Contemporânea.

1. Família 2. Vulnerabilidade Social 3 Bairro da Paz 4. Dinâmica Familiar de
Mulheres Mães 5. Contexto Social I. Santos, José Eduardo Ferreira – Orientador
II. Bastos, Ana Cecília de Sousa Bittencourt III. Universidade Católica do
Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação IV. Título.

CDU 316.356.2-055.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Aucília Maria Santana Silva

**“VIVENCIANDO VULNERABILIDADES: UM ESTUDO DE CASO DE FAMÍLIAS
RESIDENTES NO BAIRRO DA PAZ.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 27 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof.ª Dr.ª Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos
Coorientador(a) - (UCSAL)


Prof.ª Dr.ª Ester Nunes Praça da Silva - (UFBA)


Prof.ª Dr.ª Gilca Oliveira Carrera - (UCSAL)

À memória do homem que investiu em minha independência:

Otacílio Silveira e Silva

AGRADECIMENTOS

Durante todo o processo que culmina nesta dissertação, algumas pessoas não podem deixar de ser lembradas, por terem contribuído muito com a construção deste trabalho.

Agradeço à minha família, pela dedicação, amor e suporte que sempre me proporcionou superar obstáculos.

Nesse processo tive a honra e o prazer de contar com o incentivo de Márcia Cristina Ribeiro, Ana Karina Menezes, Maria Lúcia Veloso, pessoas que me deram forças para enfrentar a seleção do mestrado.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Retornando à UCSAL, tive a honra e o prazer de conhecer a Dr^a Mary Garcia Castro a qual, quando sonhei em ser mestranda, orientou a construção do meu projeto de pesquisa. Como esquecer o direcionamento da Prof^a Ana Cecília para o orientador José Eduardo Ferreira Santos, mestre que transmite reflexões sobre situações sérias com a leveza das palavras e fonte de inspiração?

A todos os mestrandos e doutorandos que compartilharam experiências e consolidaram um vínculo durante esta trajetória.

À minha tia mãe, Alda Maria, que tanto ficou com a neta Ticianne Maria, para eu estudar.

Ao meu querido marido, companheiro David, que me deu apoio, suportou minhas ausências, tomou conta de Tici e das bagunças, com tantos livros e papéis do mestrado.

Aos meus irmãos Fabiana e Herrisson, que tomaram conta de nossa mãe, Isaura Maria, permitindo eu chegar aqui.

Ao amigo André de Jesus, que apostou em meu potencial.

Em especial, à memória de Trérèse Cornille, fundadora da Clara Amizade. Enquanto viveu se preocupou em “promover a felicidade do ser humano”, seja qual fosse à circunstância de vida. Seu legado foi ensinar que todo indivíduo tem o direito de viver o bem na sociedade.

Por fim, o meu agradecimento especial à marfinense Gerrardine Natielle Koffi. Agradeço-lhe por sua sinergia, que permitiu desenvolver esta pesquisa em um dos espaços da Associação Clara Amizade, resultando nesta dissertação de mestrado de famílias.

Muito Obrigada!

RESUMO

O presente estudo investigou como as vulnerabilidades sociais interferem na dinâmica familiar de mulheres mães chefes de família. O objetivo geral concentra-se em analisar a interferência das vulnerabilidades sociais na dinâmica familiar de mulheres mães em um bairro do vetor norte da cidade de Salvador, maior vetor de desenvolvimento urbano, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU). Para alcançá-lo, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Identificar o contexto de vulnerabilidade social das mulheres-mães residentes no Bairro da Paz de Salvador - Bahia; Identificar as estratégias que as mulheres-mães do Bairro da Paz, constroem no cotidiano para o enfrentamento da vulnerabilidade social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com observação participante e estudo de casos sobre a realidade de famílias que residem no bairro do vetor norte da cidade de Salvador – Bairro da Paz, vinculadas à Associação dos Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia, sendo utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, aplicada em seis famílias residentes no Bairro da Paz, cujas participantes foram mulheres mães. Como critério de inclusão das participantes na pesquisa considerou-se o fato de serem mulheres mães que chegaram ao bairro pela necessidade de conquistar uma unidade habitacional, a partir do final dos anos 1980, quando o Estado ainda não desenvolvia na capital baiana uma política pública de construção de habitações destinada às classes populares.

Palavras-chave: Família; Vulnerabilidade Social; Bairro da Paz; Dinâmica Familiar de Mulheres Mães, Contexto Social.

ABSTRACT

The present study investigated how social vulnerabilities interfere in the family dynamics of women mothers who are heads of families. The general objective is to analyze the interference of social vulnerabilities in the family dynamics of women mothers in a neighborhood in the north vector of the city of Salvador, the largest urban development vector, according to the Urban Development Master Plan (PDDU). To achieve this, the following specific objectives were outlined: To identify the context of social vulnerability of women-mothers living in the Bairro da Paz of Salvador - Bahia; Identify the strategies that women-mothers of Bairro da Paz construct in their daily lives to face social vulnerability. This is a qualitative research with participant observation and case studies on the reality of families living in the neighborhood of the northern vector of city of Salvador - Bairro da Paz, linked to the Association of Friends of Clara Amizade Brasil-Bahia, using a semi-structured interview script, applied to six families living in Bairro da Paz, whose participants were women mothers. As a criterion for inclusion of the participants in the research, the fact that they were women mothers who arrived in the neighborhood due to the need to conquer a housing unit was considered, from the end of the 1980s, when the State still did not develop a public policy in the Bahian capital. construction of housing for the popular classes.

Keywords: Family; Social vulnerability; Bairro da Paz; Family Dynamics of Women Mothers, Social Context.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados sobre composição da renda familiar do estudo	44
Quadro 2 – Concepções sobre experiência mulher-mãe	46
Quadro 3 – Questões que avaliam noções sobre o contexto do bairro em que essas famílias moram	50
Quadro 4 Concepções sobre vulnerabilidade nesta localidade	51
Quadro 5 - - Concepções sobre orientações de proteção da mulher mãe	53
Quadro 6 - Significado das Instituições neste bairro	54
Quadro 7 - Concepções sobre o que neste bairro precisa ter	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACBA	Associação dos Amigos de Clara Amizade Brasil Bahia
BF	Programa de Transferência de Renda Bolsa Família
BSC	Base Comunitária de Segurança
CEAS	Centro de Estudo e Ação Social
CFTC do Norte	Confederação Francesa de Trabalhadores Cristãos
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
FD	Fundação Dom Avelar Brandão Vilela
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JOCF	Movimento Juventude Operária Cristã Feminina
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organização da Sociedade Civil
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
SSP/BA	Secretaria de Segurança Pública da Bahia
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1.	FAMÍLIA E VULNERABILIDADE SOCIAL	14
1.1	CONCEITO DE FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE	14
1.2	CONCEITO DE VULNERABILIDADE SOCIAL	22
2.0	HISTÓRICO DO VETOR NORTE	27
2.1	O BAIRRO DA PAZ	27
2.2	REDE DE ATENDIMENTO E APOIO DAS FAMÍLIAS DO BAIRRO DA PAZ	26
2.3	CONFIGURAÇÕES FAMILIARES DO BAIRRO DA PAZ	31
2.4	A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL CLARA AMIZADE	32
3.	METODOLOGIA	36
4.	APRESENTAÇÃO DOS DADOS, COM ENTREVISTAS	37
4.1	SÍNTESE DAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS PARTICIPANTES	33
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICES	66
	ANEXOS	107

INTRODUÇÃO

O interesse de estudar a relação entre família e vulnerabilidade social no Bairro da Paz, Comunidade carente em Salvador - Bahia tem como respaldo a experiência profissional da pesquisadora graduada em Serviço Social que atua profissionalmente na Associação *Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia*, entidade sem fins lucrativos, que visa promover o desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos de famílias em situação de risco e vulnerabilidade social em comunidades periféricas do vetor norte da cidade de Salvador. Essa instituição proporciona à pesquisadora o acesso às famílias do Bairro da Paz, participantes deste estudo, e concentra suas atividades nos bairros Itapuã, Nova Brasília de Itapuã, São Cristóvão e Bairro da Paz.

O contexto escolhido para desenvolver a pesquisa foi o Bairro da Paz, local onde a pesquisadora iniciou, no ano 2000, sua trajetória profissional com a temática *famílias*, quando então foi implantado o Núcleo de Apoio à Família na Área Verde, local estratégico do Bairro da Paz que não era amparado por atividade e assistência governamental. O bairro do estudo tem sua história marcada pela luta e resistência, tanto para seus habitantes quanto para os demais moradores da cidade, desde que se fixaram naquele espaço territorial.

As famílias que foram estudadas têm em suas histórias de vida um envolvimento com a mobilização comunitária, resistiram para residir na localidade, marcada pela alta especulação imobiliária, e até hoje batalham para não serem excluídas.

A observação do cotidiano revelou que as mulheres-mães desconstroem a realidade de exclusão e forjam estratégias de enfrentamento em meio às vulnerabilidades sociais nas quais se encontram inseridas, o que possibilita resistência e alternativas à sobrevivência da família.

A cidade de Salvador/BA, que hoje concentra aproximadamente 2,7 milhões de habitantes, é a segunda capital brasileira com maior número de pessoas vivendo em favelas, conforme dados do Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2014), a capital baiana é a décima terceira cidade mais violenta do mundo. Esses números alarmantes demonstram o quanto à população soteropolitana vive em condições de vulnerabilidade social, sobremaneira nas periferias e nas favelas, espaços em que a exclusão social se manifesta nas precárias condições de moradia, saneamento básico, segurança e poucas oportunidades de lazer.

A realidade dos bairros Baixa da Soronha de Itapuã, Bairro da Paz e São Cristóvão pode ser observada no mapa da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP/BA), no qual

se registram altas taxas de homicídios e, conforme estatísticas da polícia civil baiana (PACHECO, 2016), 69% dos casos têm relação com o tráfico de drogas.

Nesses bairros não se conta com a presença de políticas públicas efetivas e, além disso, há uma maior probabilidade de serem os jovens afrodescendentes a alimentarem tais taxas de homicídios. Inseridas nesta realidade, as famílias passam a serem vítimas de violências institucionais que afetam a qualidade de vida. Outro aspecto relevante a ser considerado no que tange à qualidade de vida é o saneamento básico, já que em alguns lugares dessa região, como na Baixa da Soronha (Itapuã), não há coleta de lixo: o caminhão que a realiza não pode acessar o local. Acresce-se a este contexto, a inexistência de esgoto sanitário. Já o bairro São Cristóvão, revelou em 2014, de acordo com a SSP/BA, números significativos de mortes violentas, sendo considerado o segundo bairro da cidade com maior número de homicídios. No Bairro da Paz, campo de estudo desta investigação, conforme a Revista Angolana de Sociologia (MATOS, 2013), 63,23% das casas não possuem rede de esgoto, fazendo com que grande parte dos resíduos seja jogada em um rio que divide o bairro, há ainda, alto índice de desemprego, baixo nível de escolaridade, presença de desnutrição infantil, famílias numerosas, conflitos familiares e elevado índice de violência.

Se por um lado, tem-se conhecimento do cenário de vulnerabilidades sociais que acompanha a vivência das famílias nesses bairros e do seu cotidiano de dificuldades, por outro, identifica-se que essas famílias se preocupam com o desenvolvimento de seus filhos e filhas e modelam a socialização dos mesmos e mesmas nestes contextos marcados por inúmeros riscos sociais. Frente a essa realidade, interessa-nos compreender o modo como essas famílias se estruturam e em que racionalidade se baseia para mudar suas histórias de vida.

A proposta desta pesquisa é analisar o que ocorre nas famílias - residentes nos bairros acima apresentados - que experimentam riscos e contingências (BRÜSEKE, 2006), como se posicionam e enfrentam tal realidade de contextos periféricos e excluídos socialmente.

Com um enfoque interdisciplinar buscar-se-á analisar em que medida as mulheres enfrentam os riscos sociais e possibilitam a transformação de suas realidades. Com base nas observações realizadas, a pesquisadora constatou que a conjuntura vivenciada é a da violência, do desemprego e da falta de saneamento básico, vulnerabilidades sociais que instigam mulheres- mães a ensinar a seus filhos a enfrentar a realidade vivida.

Entender o contexto familiar, comunitário e social das famílias que estão envolvidas em realidade de risco e fragilidade, bem como compreender como superam esses desafios operacionalizando uma mudança cultural, política e econômica, requer novas relações e

movimentos familiares. Vale dizer que, em tais contextos, na vivência de suas trajetórias, as pessoas podem se descobrir e se tornar sujeitos políticos, capazes de contribuir com a transformação da realidade.

Cumprido destacar ainda que, a instituição familiar vem sofrendo, nos últimos séculos, múltiplos impactos (PETRINI, 2007). As provocações externas repercutem na estrutura das relações humanas, solicitam e conduzem a transformações comportamentais com expectativas de responder às exigências da sociedade. Nesse cenário a mulher é inserida no mundo do trabalho, necessitando assumir o papel profissional e continuar sua responsabilidade pela organização e manutenção dos trabalhos domésticos. São exigidos, portanto, posicionamentos de papéis: das mães que trabalham fora de casa e daquelas que trabalham em seus domicílios direcionando e cuidando dos interesses próprios das mulheres-mães que tem nos filhos a sua maior responsabilidade. Tais pressões são de cunho político, social e econômico e atingem as relações interpessoais vivenciadas no contexto familiar e aquelas vivenciadas no âmbito comunitário.

Nessa conjuntura são vivenciados sentimentos contraditórios e antagônicos que requerem de cada indivíduo – no nosso caso, das mulheres-mães – a busca de alternativas que lhe possibilitem acompanhar a evolução social das tarefas e responsabilidades familiares.

Com vistas a um entendimento dessa problemática, podem-se contextualizar dois fatos importantes: a saída da mulher para o mercado de trabalho em uma jornada de oito horas diárias e as mudanças de papéis de gênero e parentais. A necessidade em particular das mulheres-mães responsáveis pelo provimento dos recursos da família, modifica as responsabilidades e exigências que lhe são postas no âmbito doméstico.

Justifica-se a escolha do tema por julgá-lo um estudo importante e contributivo para a compreensão das transformações familiares ocorridas em um bairro popular periférico localizado no maior vetor de desenvolvimento urbanístico da cidade de Salvador. Ademais, as vulnerabilidades vêm sendo alvo de estudos, em virtude de uma necessidade de compreensão dos impactos gerados em uma determinada realidade social.

A relevância social do estudo aqui delineado reside na necessidade de se promover uma constante reflexão na sociedade acerca dos impactos das vulnerabilidades sociais na vida de sujeitos que compõem famílias residentes na periferia – notadamente na Avenida Paralela, por ser o maior vetor de desenvolvimento humano segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) – e buscar entender como esses respondem aos desafios dessa experiência, seja de forma positiva, seja negativa. Pretende-se compreender como

essas situações impulsionam mulheres-mães a criar estratégias para proteger sua família e transmitir seus valores.

A motivação que ratificou a escolha do tema desta pesquisa nasceu de uma inquietação pessoal provocada ao perceber que as mulheres-mães têm destaque nesse contexto familiar, na medida em que vivenciam riscos, conquistam o sustento da família e mantêm seus dependentes por meio das atividades laborais desenvolvidas no mercado informal, caracterizado por condições de precariedade.

O objetivo geral que orienta as ações de pesquisa é: Analisar a interferência das vulnerabilidades sociais na dinâmica familiar de mulheres-mães em um bairro do vetor norte da cidade de Salvador. Julga-se relevante, como desdobramentos, os objetivos específicos: Identificar o contexto de vulnerabilidade social das mulheres-mães residentes no Bairro da Paz de Salvador - Bahia; Identificar as estratégias que as mulheres-mães do Bairro da Paz, constroem no cotidiano para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

A presente investigação se organiza da seguinte maneira: considerando que este trabalho envolve o estudo da interface família e vulnerabilidade social, julgamos pertinente no capítulo 2 abordar o conceito de família e de vulnerabilidade social. Apresentamos reflexões de autores e autoras que contribuem para pensar e refletir essa interface.

O terceiro capítulo desenvolve considerações da investigação que acontece no Bairro da Paz, situado no Vetor Norte de Salvador, julgamos significativo abordar o histórico desse espaço, caracterizar brevemente o Bairro da Paz e a Associação *Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia*, entidade à qual estão circunscritas as famílias dos sujeitos participantes da pesquisa.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia adotada para alcançar os objetivos delineados. Dentre essas, elegemos como amostra da pesquisa seis mulheres mães que foram-lhes atribuídas a seguinte codificação: Mulher- Mãe – Número (1 a 6).

No capítulo 4, trazemos brevemente uma síntese da história de vida dos sujeitos participantes da pesquisa, bem como a discussão dos dados colhidos e retomamos alguns aspectos à luz do referencial teórico apresentado no capítulo 2.

Nas Considerações Finais, retomamos o que encontramos nos objetivos específicos e buscamos responder o objetivo geral proposto. Retomamos ainda o percurso da pesquisa e

buscamos identificar algumas possíveis contribuições da presente investigação para reflexão e atuação com famílias com mulher –mãe em situação de vulnerabilidade social e indicamos aspectos que, ao emergirem no contato com o campo, abrem perspectivas para o enfrentamento da questão.

CAPÍTULO 1 - FAMÍLIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

Neste estudo partimos da premissa que a família significa a consolidação de vínculos, pelos quais se estabelece a confiança mútua entre os seus membros, não importando a sua configuração. É na família nuclear que as relações sociais emergem e assim o indivíduo, nesse universo particular, concretiza as suas experiências de alegrias, afetos, generosidade, recusas e violências.

Nesta seção são apresentados os conceitos de família e de vulnerabilidade, de modo que possibilitem o entendimento da proposta investigativa deste trabalho, qual seja a análise das vivências de mulheres-mães chefes de família, residentes no Bairro da Paz.

1.1 O conceito de família na contemporaneidade

Uma conceituação mais generalizada acerca da família é aquela que vê esse núcleo como o instituto responsável por inculcar as percepções iniciais do indivíduo diante do mundo social, incluindo-se aí os valores e as crenças acerca de tudo que o cerca. Sarti (2004) corrobora esse entendimento, ao descrever a família como um espaço no qual são ensinadas e aprendidas as primeiras falas e onde é concebida a imagem do mundo exterior e interior, lugar de ordenação e sentido das experiências vividas. Independentemente do contexto social, a família é “[...] o filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo. Esse processo que se inicia ao nascer estende-se ao longo de toda vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família.” (SARTI, 2004, p. 17).

A família na sociedade contemporânea, vem passando por profundas e marcantes transformações, as quais afetam sua estrutura e a fazem reagir. Frente à adaptação que a família precisa empreender, novos padrões são incorporados como tendência de enfrentamento aos problemas sociais (PEREIRA, 2009).

É nesse contexto social, que incide cotidianamente sobre a vivência da família, que as (re)produções das relações interpessoais acontecem. É na família, neste local de socialização, confluências e divergências de diferentes pontos de vista, que se estabelecem redes e alianças, as quais interferem significativamente na dinâmica dos indivíduos, transmitindo e possibilitando-lhes adquirir costumes, tradições, valores morais e éticos, regras, leis úteis à vivência social. Assim, “a noção de família define-se em torno do eixo moral. Suas fronteiras estruturam as relações de reciprocidade pertinentes ao grupo familiar” (SARTI, 2010, p. 33).

Responder as tendências atuais da vida moderna impulsiona a família a viver o “mundo das relações” (SARTI, 2003, p. 12). As relações familiares sofrem várias influências da dinâmica social e os seus impactos se fazem perceber nas experiências de vida dos seus membros. A realidade social que as famílias vivenciam repercute nas construções externas que transcendem os seus membros, impactando-os na vida fora do ambiente privado. As relações sociais passam a ter outras interferências a partir do sujeito ativo da unidade familiar, o que traz novas maneira de viver, construindo novos modelos nas relações humanas.

Bourdieu (1993) assinala que a família é um conjunto de indivíduos ligados entre si, que se relacionam por alianças estabelecidas nas relações sociais variadas às quais subsidiam as interações com o mundo externo de modo que seus entes sobrevivam em sociedade. Tais *estratégias de sobrevivência* têm influências de representações importantes para o núcleo familiar, produzindo referenciais diversos a partir da conexão de experiências de onde se constrói importantes interpretações e ressignificações do contexto exterior em que os membros familiares interagem.

Nesse sentido, a experiência de interação com o mundo externo possibilita aos membros familiares a construção de um novo referencial que compõe o arcabouço de condutas e comportamentos aceitáveis socialmente, sendo considerado por Bourdieu (1996), como o contexto sociocultural. As relações constituídas em sociedade, possibilitam novas interpretações para as experiências dos membros familiares enriquecidas por novos *habitus* que se diferenciam das estratégias parentais. Essa renovação de comportamentos experimentados, favorece novas concepções ou afirmações de comportamentos, de modos de vida, da incorporação de outros saberes, visões de mundo, que são aceitos ou respeitados por grupos socialmente constituídos, nos quais a família se inclui.

Desse modo, é no ambiente familiar, sob a influência da experiência de seus membros, nas relações sociais mais amplas, que se constitui a capacidade do grupo familiar consagrar posicionamentos relacionados às dinâmicas que o movimento em sociedade exige, construindo-se valores e, na linguagem de Bourdieu (1996), estabelecendo os condicionamentos materiais e simbólicos que permitem a aquisição de capitais culturais e econômicos e sociais.

A função pedagógica familiar se materializa com base nos vínculos estabelecidos entre os membros de uma família e os diferentes atores sociais, nos variados contextos em que se encontram, dada a finalidade de se constituírem necessárias interações capazes de

transformar os valores mais sólidos que definem também as subjetividades (CAVALCANTI, 2005).

A possibilidade e a capacidade de interferir nos rumos da história da convivência social e na projeção dos indivíduos em sociedade, confere à família o papel de agente transformador, ao romper a lógica tradicional dos processos que tendem à padronização de hábitos e de comportamentos dos sujeitos, bem como exercitam a troca de interações destes na sociedade.

A interação da família com a sociedade coloca em movimento um processo educativo que possibilita aos atores sociais, com base em suas individualidades, apreenderem a realidade de maneira experiencial, de modo a construírem caminhos de acesso para o viver em liberdade, para o exercício de sua cidadania, com a possibilidade de interferirem na história da sociedade em que vivem, haja vista que dialogicamente a família incide e sofre influência da realidade social em que está inserida.

A vida em sociedade rompe com a lógica do cenário *organizado e seguro* que se espera da família. A convivência social facilita alianças entre grupos externos que compartilham referenciais diferentes daqueles adquiridos na relação e no contexto maternal, fraternal, filial, que vão muito além do afeto, do apoio mútuo e proteção proporcionada pela família.

Esses núcleos podem vir a contribuir para a transformação do ser humano, na construção de sua história, de modo a torná-lo capaz de produzir e oferecer bens relacionais. Para Donati (2008), a família é definida por sua construção social e pressupõe a compreensão das informações, que são transmitidas pela vivência cotidiana. O uso ou incorporação do arcabouço construído socialmente pelos sujeitos torna-se um indicador importante de compreensão de como é constituída a autonomia dos indivíduos, dos grupos e das famílias, que é finalidade analisada no bojo deste estudo.

Desde a revolução tecnológica e industrial, os indivíduos que compõem as famílias, foram se relacionando com múltiplas formas de processos produtivos. Tais experiências nortearam mudanças significativas nos padrões comportamentais do consumo de bens, serviços e produtos. Entretanto, a inserção no âmbito do trabalho, no contexto tecnológico e industrial, trouxe ressignificações no comportamento humano familiar, instaurando uma série de processos de mudanças objetivas e subjetivas, que para além das alterações em curso, modificaram os modelos idealizados de família que se contrapõem ao adequado, ao instituído, e se ressignificam continuamente (MIOTO,2006).

Diante do exposto, discutir acerca da temática família pressupõe a observância incessante das alterações contínuas que acontecem na dinâmica social, já que é em tal dinâmica que a família se situa, dela recebe influências e é nela que se processam novos posicionamentos e a formação das novas gerações. Neste contexto, ajustamentos individuais ou coletivos são requisitos de resposta para a vida social organizada em torno da vida material essencial à sobrevivência humana.

Os círculos de convivência grupal, familiar ou coletiva são marcados pela ambivalência de concepções. O indivíduo no ambiente familiar vivencia trocas e a difusão de novos valores continuamente. Para Gonçalves (2005), é deste modo que os atores sociais protagonizam os atos, permeados por valores e representações, baseados em experiências individuais ou coletivas. Assim, demonstram a liberdade de escolha com base em sua vivência em uma dada realidade social que possibilita os processos humanos.

Considerando as suas mais diversas configurações, a família se constitui como um espaço altamente complexo. É na história e nas práticas diárias que este grupo social se constrói e se reconstrói, a partir das relações e negociações estabelecidas entre seus membros e outras esferas da sociedade, tais como Estado, trabalho e mercado, estando vinculada a três eixos fundamentais: classe, gênero e etnia (PEREIRA, 2006).

A família também é vista como uma instância de cuidado e de redistribuição interna de recursos e, como tal, não é somente uma construção privada, mas também pública, cuja dinâmica é imprescindível na estruturação do tecido social, tanto nos aspectos sociais quanto nos políticos e econômicos. Sendo assim, pode-se afirmar que a família é a instituição que “cobre as insuficiências das políticas públicas, ou seja, longe de ser um “refúgio num mundo sem coração” é atravessada pela questão social” (MIOTO, CAMPOS, LIMA, 2004, apud MIOTO, 2010, p. 168).

Vale dizer, porém, que ainda é bastante propagada a concepção positivista de família como um grupo ordenado, unido por laços consanguíneos, constituído por vários membros (pai, mãe e filhos), que desempenham papéis definidos dentro do grupo, com o objetivo de criar normas visando a uma convivência equilibrada e saudável na sociedade ocidental. Para legitimar esse conceito, a escola, passou a desempenhar a sua função social, como instituição responsável pela formação e disciplinarização (FOUCAULT, 1987) das crianças.

Mais uma vez, trazemos Bourdieu (1996, p. 129), que denomina a família como “uma ficção bem fundamentada”, ao apontar que, para compreender esta instituição devemos levar em conta o trabalho teórico e prático que transforma a obrigação de amar em disposição amorosa e, assim, permitir a criação do que o autor denomina de *espírito de família*. Bourdieu

(1996) assina que esse *espírito de família* se revela nas atitudes presentes nas práticas desenvolvidas nos núcleos familiares, como generosidade, solidariedade, ajuda mútua entre seus membros, troca de gentilezas, entre outras.

Já Bruschini (1989), por sua vez, demonstra que é possível se deparar com várias concepções, quando nos referimos às funções da instituição familiar. Segundo a autora, a família pode ser vista como um grupo responsável pela produção da força de trabalho, uma agência socializadora responsável pela aprendizagem do respeito e da submissão; mas também, como instância de reprodução ideológica.

Nos pressupostos da família contemporânea, a família deveria funcionar como um grupo que produz recursos materiais necessários para a estabilidade entre seus membros, ou seja, uma unidade de sobrevivência econômica, constituindo-se pela troca recíproca de bens materiais e econômicos. Sob essa mesma perspectiva, Kellerhals et al. (1982, 2000 *apud* ABOIM, 2006) observam que a família possui funções instrumentais no que diz respeito à produção econômica, educação e apoio material.

Daí a afirmação de Bourdieu (1996), apontando para a família tradicionalmente instituída a qual geralmente se reveste de uma aparente naturalidade, quando, de fato, é uma invenção social recente. Nas palavras do sociólogo francês, estamos diante de uma ficção, um artefato social, uma ilusão bem fundamentada ou mesmo, apenas uma palavra. Sarti (2004), reforça esse ponto de vista sobre a família, ao defini-la como:

[...] uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família. Vista como uma realidade que se constitui pela linguagem, socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos, a família torna-se um campo privilegiado para se pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto, entre mim e o outro (p. 13).

Quando nos debruçamos a refletir sobre como se configura a socialização familiar, precisamos considerar a existência de variações, atentando para o contexto e o grupo social do qual as famílias fazem parte. Igualmente ocorre com a concepção de família, pois esta apresenta diferenças de acordo com cada classe e variáveis sociais: capital escolar e econômico, envolvimento religioso, situação profissional, tipo de união conjugal, entre outros aspectos.

Os estudos realizados no âmbito da Antropologia, bem como no campo da Sociologia têm revelado que a família nas camadas populares se caracteriza fortemente pelas relações

que seus membros estabelecem entre si. Isso é bastante visível no momento de prestação de apoio mútuo diante de situações conflituosas, como o divórcio, dificuldades financeiras, desemprego, instabilidade de moradia, auxílio nos cuidados dos filhos, perda de um ente querido, questões de violência, entre outros acontecimentos (DUARTE, GOMES, 2008; FONSECA, 2005, 1999; SARTI, 1996, 2004). É exatamente por meio desses elos afetivos e materiais que os sujeitos imprimem sentido às relações sociais que extrapolam o círculo familiar, as que envolvem o mercado de trabalho, a vivência na instituição escolar, no grupo de amigos, nas relações com a vizinhança, entre outras.

Confirmando essa compreensão, Fonseca (2005, p. 52) assevera que os laços familiares são marcados “[...] pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos.” Pode-se dizer, portanto, que tais vínculos não estão limitados às redes de relações consanguíneas, mas dizem respeito também às redes de relações territoriais, amizades, compadrio, adoções e na ajuda de atividades comuns.

Mesmo levando em conta os conceitos e as definições aqui postos, se considerarmos a família existente na contemporaneidade, assinalamos a inexistência de um *modelo* de família. Isso porque o contexto cultural, social e econômico pode revelar características bastante divergentes do que foi preconizado como ideal de família, a partir do século XVIII, com a sociedade moderna. Tendo em vista as atuais configurações e dinâmicas familiares (uniões instáveis, divórcios, uniões homossexuais, ausência de filhos nos casamentos, adiamento do casamento entre os jovens, entre outros aspectos), coadunamos com o termo *novas conjugalidades*, cunhado por Aboim (2006), como o que melhor define e caracteriza a condição de família na contemporaneidade.

Assim, as estruturas familiares da atualidade se apresentam com características diversas do modelo de família que foi pautado culturalmente, isto é, por dogmas e ensinamentos morais, cristãos e modernos. Na contramão do formato idealizado e romântico, verifica-se um processo de desfragmentação, desestabilidade, individualização e não formalização nos modos de vida relativos às famílias.

Nesse aspecto, um fenômeno contemporâneo que contribui para o cenário de instabilidades no âmbito familiar é o da monoparentalidade feminina, podendo ser fruto de uma opção pela maternidade desvinculada de um relacionamento conjugal, bem como pelas condições adversas que se impõem à mulher a assumir, sozinha, as responsabilidades na condução da família, fazendo-a deparar-se cotidianamente com um quadro de vulnerabilidade social, constituindo-se este último o viés que nos interessa no percurso desta investigação.

Entende-se como família monoparental feminina aquele núcleo familiar no qual convivem mãe e filho, ou filhos, em que a mulher é mãe solteira, divorciada ou separada que não mais quis ou não teve a oportunidade de uma união estável. Essas mulheres-mães chefes de família se responsabilizam pelo domicílio, pela manutenção, pela proteção e pela sobrevivência da casa e dos membros familiares, respondendo pela educação dos filhos e pelo provimento das condições emocionais ligadas ao crescimento e ao desenvolvimento da família.

Essa condição de monoparentalidade ganha outra dimensão e se agrava quando essas famílias vivem em situação de vulnerabilidades, como é o caso das mulheres-mães chefes de famílias residentes no Bairro da Paz, lócus desse estudo.

As mulheres-mães estão em confronto diário com os fatores de risco e proteção. Conforme Yunes e Szymansky (2001), os fatores de risco contribuem para a manutenção de desigualdades, preconceitos e exclusão dessas famílias, quando o sistema amplia as dificuldades e diminui as possibilidades de resgate e fortalecimento de condições de vida digna. Já os fatores de proteção referem-se aos mecanismos dos quais a família lança mão, para encontrar alguma resposta as suas necessidades materiais e imateriais e assim minimizar seus sofrimentos e angústias. Esses são recursos que, junto a outros recursos imateriais, como a resiliência familiar, possibilitam seu fortalecimento (YUNES; SZYMANSKY, 2001).

Estudos brasileiros revelam que famílias monoparentais femininas são, muitas vezes, mais assertivas no momento de tomar decisões e são hábeis na superação de grandes desafios, evidenciando assim uma unidade familiar e um sistema moral bastante fortalecido, tendo em vista as circunstâncias desfavoráveis de suas vidas (YUNES; SZYMANSKY, 2001).

A luta pela sobrevivência é, invariavelmente, o elemento motivador das mulheres de camadas populares, sobremaneira daquelas que precisaram assumir a monoparentalidade. De acordo com estudo realizado por Mendes (2002), no universo das mulheres-mães de famílias crescentes no país, destacam-se as mulheres mais jovens, separadas, negras, pobres e com baixo grau de escolaridade. Na maioria das vezes, essas mulheres de camadas populares estão inseridas no mercado informal, sujeitando-se às péssimas condições de trabalho e a salários muito baixos.

Quanto ao poder de decisão no espaço doméstico, as mulheres-mães chefes de famílias vivem posições consideradas tradicionais. De acordo com Sarti (2003), o termo chefia guarda o peso da tradição, associado a valores machistas, na medida em que sempre coube ao homem essa posição no âmbito familiar, no modelo patriarcal, cuja autoridade e responsabilidade

englobam não apenas a família, mas os espaços públicos em geral, ou seja, tradicionalmente a figura do homem ainda impõe respeito nas mais diversas circunstâncias.

Isso significa dizer que essas mulheres, além de manterem-se firmes na luta pela sobrevivência, responsabilizando-se por toda a situação doméstica de provisão e educação dos filhos, ainda precisam enfrentar as normas morais tradicionais instituídas que atribuem ao homem o papel de provedor do grupo familiar. É no enfrentamento ao moralmente instituído e na luta cotidiana pela manutenção da casa e da prole, que essas mulheres forjam sua identidade e se constituem como *chefes de família*.

O preconceito arraigado, aquele que limita o papel do homem ao provimento do grupo familiar, relega à mulher, a concepção de desmoralizada, quando esta cumpre sozinha aquele papel. Uma das consequências dessa postura é o enfraquecimento de seu potencial para lutar contra a sobrecarga da função de chefe de família. Trata-se de uma situação que poderia potenciá-la, atuando como um fator de proteção, mas que se converte em um fator de risco, pois diminui sua condição e seu empoderamento.

Como discutido anteriormente, a família monoparental feminina pode se constituir por diferentes processos e dinâmicas vivenciais. Uma dimensão em comum na constituição desse modelo de família é a presença dos filhos, ou seja, a relação parental entre mães e filhos. Nos contextos de vulnerabilidade social, em que a chefia do lar se constitui pela necessidade primeira da sobrevivência, a educação dos filhos se torna uma tarefa árdua. Logo, o fator monoparental acrescido à chefia familiar feminina constitui um grau a mais de vulnerabilidade. (MARIANO; CARLOTO, 2009).

Constitui-se uma problemática relevante na vida dessas mulheres o desafio de conciliar a vida familiar e a limitação financeira, o que se intensifica com as longas horas de trabalho, em detrimento da presença no lar, com a frequente exposição dos filhos aos diversos tipos de violência. Essas mulheres-mães chefes de família trazem como experiência um sentimento de culpa em relação aos cuidados com os filhos e à pouca atenção que lhes é dispensada, especialmente aquelas que trabalham fora do ambiente familiar, em tempo integral. A sobrecarga de funções e afazeres, que se expressa em um acúmulo de papéis (provedora, funções domésticas e criação dos filhos), gera nessas mulheres um sentimento de irresponsabilidade, por estarem permanentemente em falta com seus filhos.

Segundo Gonçalves (2005), é no contexto local da comunidade que o indivíduo experimenta os conflitos para efetivar as suas escolhas. É evidente que o conflito tendência a escolha do individual em prol de um coletivo favorável, cabendo, portanto, ao grupo familiar

renovar-se com essas trocas e interações, constituindo uma nova simbologia cultural com base na vivência (MOSCOVICI, 2001).

Estão no centro desta discussão, as famílias que residem em bairros periféricos – a exemplo do Bairro da Paz, *lócus* da nossa pesquisa – e vivenciam um cotidiano comunitário que resiste e se redefine. Em determinados aspectos de suas vidas, essas famílias se assemelham àquelas que habitam os centros urbanos: ambas necessitam assegurar a sobrevivência da prole. Em outros aspectos se diferenciam daquelas: comumente convivem em ambientes mais insalubres, onde muitas vezes, se convive com a ausência de políticas públicas e sociais.

Diante do exposto, na vivência em situação de vulnerabilidades sociais e no não comprometimento do Estado na prestação de serviços públicos essenciais à sobrevivência humana, a família passa a ser a maior fonte de apoio e se constitui em recurso para enfrentar problemas cotidianos, adversidades existenciais e conflitos em contextos comunitários. Na luta pela sobrevivência diária, numa realidade marcada pela vulnerabilidade e exclusão social, “só é possível superar quando se tem o suporte de pais ou responsáveis” (ROMANELLI, 2002 apud GONÇALVES, 2005, p. 219).

Segundo Sarti (1994), a noção de necessidade é *utilizada* pelas classes populares quando se precisa de ajuda. O amparo, advindo da rede de parentesco e da vizinhança, advindo daqueles e daquelas com quem se pode contar e confiar, torna-se elemento essencial para driblar as dificuldades, quando é preciso agir em busca de superar as situações de vulnerabilidades.

Considerando que o conceito de vulnerabilidades configura um conceito importante no contexto de nossa investigação, abordamos o mesmo, no tópico que segue.

1.2 O conceito de vulnerabilidade social

De acordo com Vignoli (2001), a vulnerabilidade é compreendida como a falta de acesso às estruturas de oportunidades oferecidas pelo mercado, pelo Estado ou pela sociedade, de modo que seja visível a carência de um conjunto de atributos necessários para o aproveitamento efetivo de oportunidades existentes. Em suma, o indivíduo não tem direito ao amparo das instâncias protetoras, ficando sujeito aos riscos iminentes que desestabilizam a sua condição de vida em diversas circunstâncias.

Para Busso (2001), a vulnerabilidade constitui-se como uma condição de fragilidade de indivíduos, famílias ou grupos que não dispõem de mecanismos para enfrentar riscos

existentes e que implicam a perda do bem-estar. Na esteira desse entendimento, Bruseke (2006) afirma que a vulnerabilidade é uma conjunção de fatores, sobrepostos de diversas maneiras e em dimensões várias, de modo a tornar o indivíduo ou grupo mais suscetível aos riscos e contingências. Em ambos os conceitos, a noção de vulnerabilidade está relacionada à perda de força e à sujeição de um indivíduo ou grupo frente a uma situação de risco iminente e, por vezes, recorrente.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) conceitua vulnerabilidade social como um resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos, sejam grupos, e, o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Segundo Monteiro (2011), a vulnerabilidade social inclui situações de pobreza, mas não se restringe a essa condição.

A emergência da temática da vulnerabilidade social se dá nos anos 90, a partir do esgotamento da matriz analítica da pobreza, que se reduzia a questões econômicas. Essa tendência vem sendo difundida, sobretudo por organismos internacionais, entre estes destacam-se Organização das Nações Unidas-ONU, Banco Mundial e CEPAL. Portanto essas ideias vem sendo difundidas como pressupostos orientadores para a consolidação de políticas sociais (MONTEIRO, 2011, p. 29).

As décadas de 1980 e 1990 foram fortemente representadas pelo recrudescimento da situação de pobreza, seja no cotidiano das populações, seja no debate instituído na agenda pública e no contexto político (HOBSBAWM, 2010). Isso tornou necessária a reflexão acerca do conceito de pobreza, cujo debate foi um contributo para o surgimento de conceitos mais complexos e que pudessem traduzir a realidade social abrangente, pautada pela exclusão, marginalidade e vulnerabilidade.

Vale ressaltar que a noção de marginalidade ganhou força nas discussões e nos estudos realizados nas décadas de 1960 e 1970 sobre a América Latina.

Por sua vez, o termo exclusão social predominou na Europa ao longo dos anos 1980 e 1990, com repercussões e desdobramentos na contemporaneidade. Como se pode ver, a ideia de exclusão antecede a noção de vulnerabilidade social, fazendo alusão a uma situação limite de pobreza, na qual se observa a ruptura de vínculos sociais e a negação dos direitos sociais estabelecidos – no caso do Brasil, tem-se o novo texto Constitucional de 1988.

Tal vulnerabilidade do sujeito é apontada por Castel (1998) sob duas vertentes: uma econômica e a outra social, levando ao entendimento de que a vulnerabilidade se caracteriza pela precarização no contexto do trabalho e pelo enfraquecimento dos vínculos sociais. O

enfraquecimento dos vínculos sociais (compreendendo-se os familiares, de vizinhança, de amizade, o pertencimento comunitário) que podem se estender até sua ruptura, resultam no isolamento social e, o esgarçamento das relações no âmbito do trabalho resultam em privações materiais para o indivíduo. O autor enfatiza as transformações na condição salarial ao longo dos últimos anos, trazendo para o centro da discussão o mundo do trabalho, bem como as exigências impostas e a precarização no panorama do capitalismo nos tempos atuais.

Instauram-se, pois, o que Castel (1997) denomina de *zona* de vulnerabilidade social, isto é, o contingente de pessoas que se encontram excluídas das relações sociais, não pautadas em um padrão de proteção social: os desempregados, aqueles inseridos de forma precária no mercado de trabalho, como também os indivíduos ou grupos com fragilidade nos vínculos relacionais, sejam eles familiares ou comunitários. O autor reforça que essa *zona* de vulnerabilidade é assim apresentada:

[...] um espaço social de instabilidade, de turbulências, povoado de indivíduos em situação precária na sua relação com o trabalho e frágeis em sua inserção relacional. Daí o risco de caírem na última zona, que aparece, assim, como o fim de um percurso. É a vulnerabilidade que alimenta a grande marginalidade ou a desfiliação (CASTEL, 1997,p. 27).

A partir dos cenários de urbanização emergem ainda as populações marginais, as quais estão concentradas nos núcleos urbanos ausentes de planejamento, de modo que submetem tais indivíduos a um cruel processo de desclassificação social. O lento crescimento da economia é um agravante desse quadro, fazendo proliferar o desemprego, a violência e o tráfico nos espaços urbanos (KOWARICK, 2002). Não se pode perder de vista essa perspectiva, na medida em que o presente estudo elegeu, como ambiente de vulnerabilidade, os centros urbanos, especificamente os bairros periféricos do Vetor Norte de Salvador. Daí buscar compreender a vulnerabilidade nesses espaços com base na análise dos processos de periferização e segregação espacial, sobretudo da população de baixa renda.

No Brasil, o crescimento urbano está relacionado à segmentação e a diferenciação social, demográfica, econômica e ambiental, com uma nítida segregação da classe pobre. Cada vez mais a expansão excessiva de áreas marcadas por precária infraestrutura tem gerado a baixa qualidade de vida das populações de baixa renda e intensificado a sua periferização. Além da precariedade em infraestrutura, moradia, propriedade e qualidade ambiental, o estigma da população que vive nesses espaços, atenua suas chances de desagregação social (KOWARICK, 2002).

Nesta perspectiva, não houve no país um acompanhamento satisfatório dos serviços básicos de infraestrutura frente à concentração populacional nesse meio urbano, já que a ocupação do território tem servido principalmente aos interesses do mercado imobiliário. Como consequência, tem-se o crescimento da população residente no entorno, intensificando um quadro de exclusão social, fato observado com clareza no Bairro da Paz, objeto do nosso estudo (CARLA, CASTRO, 2018).

Dias (1998) define como exclusão social toda situação que expõe indivíduos a privações e desvantagens quanto aos meios materiais básicos de subsistência necessários a todos os espaços sociais. As diversas formas de exclusão social levam os indivíduos a se inserirem em circunstâncias sociais permeadas de vulnerabilidades e desigualdade social, em virtude de uma vivência pautada em fragilidades financeiras, culturais, escolhas religiosas, entre outras.

Pessoas ou famílias que vivenciam a ausência de condições em prover os meios básicos de sobrevivência aos seus membros, experienciam valores e situações sociais de exclusão adotados na sociedade capitalista (SARTI, 1994). É no núcleo familiar que os indivíduos experienciam a construção de significados que traduzem as condutas que dão sentido ao mundo social em que vivem, marcado pela vivência social que exclui os que não estão dentro do padrão de consumo capitalista.

Estar na situação de exclusão significa, na sociedade capitalista moderna, não fazer parte do mercado de trabalho formal. Logo, esse quadro se “compõe à margem do processo econômico e social”, que possibilita a “partilha de benefícios” (PAUGAM, 1996 apud DIAS, 1998, p. 190), denominada de políticas sociais e públicas. Vivenciar essa vulnerabilidade tem significado de não ser e não estar incluído socialmente, podendo se estar em situação extrema de ruptura (CASTEL, 1998) tanto nas relações familiares e afetivas quanto com o mercado de trabalho, sem possibilidades de socialização.

Na análise de Sarti (1994), no mundo contemporâneo existem classes sociais divergentes entre os que podem consumir bens e serviços, porque contribuem com encargos sociais, e aqueles que são pobres por estarem destituídos dos instrumentos que lhes conferem poder, riqueza e prestígios de bens supremos na sociedade capitalista.

O objeto de nossa pesquisa – mulheres-mães chefes de família que vivenciam vulnerabilidades sociais no Bairro da Paz, que compõe o vetor norte da cidade de Salvador – é um exemplo da precarização vivida no centro urbano periférico do município de Salvador e da sua relação com os modelos de subjetivação, em grupos familiares para superar tal precarização, trajetória de risco e violências.

Enfatiza-se a vivência de precariedades de tais famílias e comunidades, marcadas por desemprego estrutural, baixos rendimentos, serviços públicos ineficientes ou inexistentes (educação, saúde etc.), ou seja, indicadores de pobreza e marginalização (DIAS, 1998).

As condições de pobreza e exclusão social crescentes fazem indivíduos e famílias que vivem em contextos de vulnerabilidades sociais *viver por conta própria* e buscar estratégias de bem-estar social, considerando as limitações que se fazem presentes no dia a dia.

A população que sobrevive da privação de rendimentos e serviços públicos essenciais à vida em cidades urbanas necessita recorrer às políticas sociais que incluem ou restauram a condição de cidadão, já que não são reconhecidos pela sociedade capitalista de consumo que exclui o pobre.

De acordo com Dias (1998, p. 189), com base conceitual em Fernandes (1991), a pobreza é entendida/interpretada como exclusão de estilo de vidas correntes e aceitáveis na sociedade e “também dos direitos de cidadania”. Esse autor afirma que a vulnerabilidade proporciona a quem a experimenta o estatuto social de desvalorização e humilhação. Neste contexto, as famílias com mulheres-mães provedoras que têm contato com tais riscos sociais são vistas com indiferença ou desprezo, pela sociedade em geral.

Segundo Dias (1998), esse posicionamento pode ser justificado pela falta de mobilidade econômica ou social. Por sua vez, a família e os indivíduos necessitam prover seus sustentos e sobrevivências, e quem vive a estratificação da exclusão social depara-se com a necessidade de encontrar estratégias alternativas para suprir sua necessidade de subsistência.

Abordados os conceitos de família e de vulnerabilidade social, passamos a apresentar no capítulo seguinte, o histórico do Vetor Norte da cidade de Salvador, pois é nele que se inscreve o recorte geográfico que nos propomos investigar.

Julgamos pertinente apresentar esse histórico, já que a vulnerabilidade social é um processo que se constrói na vida de indivíduos e grupos, localizados concretamente nas dimensões do tempo e do espaço, e, como tais, recebem as incidências dos diferentes movimentos da sociedade em que se encontram inseridos.

CAPÍTULO 2 - HISTÓRICO DO VETOR NORTE

O vetor norte de Salvador se desenvolveu com o processo descentralizador das atividades administrativas que eram concentradas na região central da cidade. A partir da década de 1950, a descentralização começou com o movimento de montagem de um parque industrial na área metropolitana de Salvador, com a instalação da Petrobras (1947), do Centro Industrial de Aratu (1967) e do Polo Petroquímico de Camaçari (1978).

Esse desenvolvimento urbano instigou a migração de munícipes do sertão baiano, que vieram para a capital do Estado com a esperança de serem absorvidos como mão de obra. O resultado gerou uma população destruída, que buscou espaços territoriais desocupados, fomentando assim a construção de moradias irregulares em espaços de menor investimento urbanístico e sem infraestrutura (ZANIRATO, 2007).

Na cidade de Salvador, as questões relacionadas à pobreza urbana e sua trajetória histórica de acúmulo de carências sempre chamaram a atenção e foram aguçadas recentemente com o contato periódico urbano. É perceptível que essas áreas foram constituídas desde sua origem com a finalidade específica de atender a uma demanda de moradores pobres, sinalizando um tipo de urbanização que se reproduz a partir de um “padrão periférico” (CARVALHO; PINHO, 1996, p. 36) de urbanização que consolida bolsões de pobreza, se expressando na precarização da infraestrutura física e pela ausência de serviços públicos como transporte, saneamento, segurança, entre outros.

2.1 O Bairro da Paz

Em meados da década de 1970, iniciava-se mais uma vez uma ocupação desordenada na cidade de Salvador. Nesse momento, um toque de localização espacial diferenciava essa ocupação desordenada das demais, visto que o distanciamento do centro da cidade ia de encontro às teorias de muitos estudiosos que afirmavam existir apenas invasões nas proximidades dos bairros comerciais e desenvolvidos.

A localização da invasão das Malvinas (referência à Guerra das Malvinas, entre a Grã-Bretanha e a Argentina) é na Avenida Luís Viana Filho (conhecida popularmente Avenida Paralela), consolidada como o vetor norte de expansão urbana importante a partir do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 2004, fazendo fronteira com a Avenida

Orlando Gomes, onde se pode perceber que essa ocupação irregular está localizada no eixo de crescimento urbanístico, imobiliário e turístico de Salvador (orla atlântica).

A invasão das Malvinas configura-se como ocupação ilegal do solo situada na poligonal norte de expansão urbanística, mas também considerada uma das maiores ocupações irregulares da cidade, contendo todos os agravantes característicos de uma invasão: violência, baixa escolaridade, alto índice de desemprego, alta taxa de natalidade, alto índice de mortalidade infantil, entre outros elementos que compõem a problemática social.

Segundo a ONU-Habitat, pessoas que vivem em invasão constituem população de baixo *status*, que, segundo Correia (2004), é um *lócus* ocupado por pessoas que saíram de antigas periferias e ocupam outro espaço urbano, com outros valores, a exemplo, do Bairro da Paz que acomoda grande população com pouco planejamento e que ocupa o território em busca de uma melhor qualidade de vida. O *lócus* constituído ao longo da Avenida Paralela aconteceu como movimento popular de pessoas e famílias que se associaram pela luta do direito à moradia. Em relato Silva (2019), membro do Conselho de Moradores do Bairro da Paz, a primeira ocupação ocorreu com um número de 50 famílias que vieram do bairro Fazenda Coutos (Subúrbio Ferroviário de Salvador), as quais entendiam que ali não era lugar de pobre morar, por ser a avenida mais bonita de Salvador, projetada para desafogar o trânsito da orla e ligar a cidade ao centro.

Pode-se dizer que o marco da nova fase dessa ocupação irregular ocorreu com a mudança do nome, deixando de ser invasão das Malvinas e passando a ser chamada de Bairro da Paz. Surgia, portanto, um bairro dividido por setores, com relevo acidentado e com características físicas diferenciando cada setor. O Bairro da Paz possui características sociais semelhantes em toda sua extensão, a saber: Alto da Bela Vista, Morro da Cobaína, Área Verde, Praça das Decisões (centro do bairro), Santo Antônio e Alto da Felicidade.

Apesar de o Bairro da Paz estar localizado no eixo de crescimento urbanístico de Salvador, ainda sofre impactos, por ter surgido com base em uma ocupação irregular correspondente a construções espontâneas e de baixa renda. A proximidade está cercada por condomínios de luxo e de classe média, com edifícios e casas, e com a utilização de equipamentos de segurança e proteção, bem visível na área Beira Rio que, desde os anos de 1990, constituiu-se com um aglomerado de casebres e casas em situação de risco, cujos proprietários vêm sendo pressionados a vender, em decorrência da especulação pelo capital imobiliário. Há fronteiras com os bairros Alto do Coqueirinho, Tocaia Baixa do Tubo e Itapuã.

O espaço urbano do qual o Bairro da Paz faz parte localiza-se na Avenida Luiz Viana Filho, conhecida como Avenida Paralela, vetor de expansão da cidade de Salvador com alto índice de valorização, a partir do investimento do Estado ao construir acesso de interligação da zona portuária à poligonal norte da cidade e, mais recentemente, com implantação da Linha 2 do metrô, que tem no bairro uma de suas estações de embarque e desembarque. Possui uma área de aproximadamente 1,4 Km² com características de periferização social e socioespacial.

Atualmente, ao entrar no Bairro da Paz pela rua principal (Rua da Resistência) é possível verificar como a localidade vem se desenvolvendo com serviços essenciais à vida da população local. Existe um comércio local com supermercados, sorveterias, restaurantes, armarinhos, farmácias, padarias lanchonetes, salões de beleza, bombonieres, lojas de materiais de construção, lojas de moto, oficinas de carro e bicicletas, lojas de móveis, caixa eletrônico, entre outros.

A praça principal, batizada por todas as assembleias de moradores desde a primeira ocupação da localidade, é conhecida como a Praça das Decisões e abriga as instalações da Escola Municipal do Bairro da Paz, Igrejas e a Base Comunitária de Segurança (BSC) do Bairro da Paz. Na Rua Nossa Senhora da Paz está a Igreja Matriz Nossa Senhora da Paz, com Projetos Sociais ligados à Igreja Católica: Clara Amizade e Crescer. A Santa Casa da Misericórdia financia e administra os Centros de Educação Infantil, o Programa Avançar e o Conselho de Moradores do Bairro da Paz. Na Rua Tancredo Neves da Paz foi construído o Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos, onde as famílias estudam e completam o Ensino Médio. O bairro conta ainda com o Complexo de Saúde Doutor Orlando Imbassahy, que abriga a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), a Unidade Básica de Saúde e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Neste estudo compreende-se que a história deste bairro está marcada pela perseverança em unir as pessoas em prol de uma luta coletiva e com resistências. As mulheres têm posição de protagonismo, tendo sido a Igreja Católica um agente de suporte para o desenvolvimento local apresentado acima. Os processos e dinâmicas do bairro foram impulsionados pela atuação de Tyna, uma leiga consagrada enfermeira, sanitarista e aposentada, responsável por promover a afirmação da população que construiu moradias de taipa e de plástico, investindo e incentivando os habitantes a se fixarem, mesmo diante do medo das derrubas.

A Fundação Dom Avelar, com o trabalho voluntário de Tyna, construiu a primeira casa de alvenaria, centros comunitários, com infraestruturas que abrigaram por algum tempo,

em regime de comodato, os serviços públicos importantes que hoje possuem sua própria instalação.

A fixação das famílias no Bairro da Paz nasceu da demanda e necessidade de suprir a falta de políticas públicas em moradias populares. Os primeiros desbravadores encontraram uma grande extensão de terra, com muito mato contendo espécies raras de vegetação nativa e animais da mata atlântica. Ali construíram suas unidades habitacionais com materiais encontrados no entorno, cujas instalações não contavam com água, luz, banheiros nem rede de esgoto.

A narrativa de Dona Ileusa, fundadora do Bairro da Paz, que reside na localidade há quase 30 anos, as pessoas vivenciaram muito sofrimento, para que hoje o bairro tenha tamanha beleza. Segundo ela, “no início pegávamos água em poços, chafariz em grandes distâncias com algumas violações. As casas eram de plástico, taipa, com telhado de palha de coco com muita dor, humilhação”

Muitas mulheres guerreiras não tinham medo da lama, dos matos, do escuro, das criminalidades que não podem ser relatadas, pessoas que tomavam para si a dor do próximo. Há muitas dessas pessoas que ficaram na memória, como o senhor Waldemar Bibliano, que não se cansou de lutar com o movimento pró-urbanização, envolvendo o Conselho de Moradores e as instituições em defesa da moradia, nesse período inicial dos anos 1990. Participaram dessa luta a Fundação Dom Avelar, o Centro de Estudo e Ação Social (CEAS) e a Arquidiocese, por meio dos padres redentoristas, iniciando-se as instalações de instituições no Bairro da Paz, como o conselho de moradores, a rádio comunitária, centros comunitários, e havia a necessidade de acolher o Clube de Mães. A filosofia dos grupos organizados no Bairro da Paz, era desenvolver o empoderamento das instituições e pessoas residentes na localidade.

Nesse movimento, o primeiro equipamento público foi inaugurado com a gestão da prefeita Lídice da Mata, que inaugurou a Fundação Cidade Mãe, ofertando atividades socioeducativas e profissionalizando muitos moradores. Conforme relatam os moradores, a gestão da prefeita olhou para a localidade com respeito.

Sobre a população feminina de mulheres-mães do Bairro da Paz, estas ocupam a posição de gestão familiar contemporânea, assumindo com responsabilidade o cuidar cotidianamente dos filhos e familiares que estão em sua proximidade. Além disso, exercitam a solidariedade ao enfrentar no coletivo a defesa de luta por poder viver nesse lugar.

Conforme os estudos desenvolvidos pela Prof^a Maria Gabriela Hita (2008), o Bairro da Paz é um rico tecido associativo, expresso em lutas e resistências com um arcabouço local de empoderamento comunitário, liderado por mulheres. Essa visão sobre fatos importantes que aconteceram demonstra iniciativas individuais que articulam os moradores que integraram a localidade.

2.2 Rede de atendimento e apoio das famílias do Bairro da Paz

Com base na observação participante realizada no bairro da Paz e mediante sua prática profissional no contexto, a pesquisadora identificou e mapeou as seguintes instituições que prestam serviços à população local: A OSC - Associação Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia, Conselho de Moradores do Bairro da Paz; Centro de Referência em Assistência Social (CRAS); Complexo de Saúde Doutor Orlando Imbassahy que possui uma Unidade de Pronto Atendimento e Unidade Básica de Saúde; Centro de Formação Santa Helena; Creches Comunitárias da Santa Casa de Misericórdia, Programa Avançar, Prefeitura Bairro da Poligonal Norte e a Paróquia Nossa Senhora da Paz, Estabelecimentos Comerciais de Pequeno e Grande Porte, Igrejas Neopentecostais, Terreiros de Candomblé, Centros Espíritas.

2.3 Configurações familiares do Bairro da Paz

Com base na observação participante realizada e mediante a prática profissional da pesquisadora no bairro, identificou-se que maior parte das famílias existentes no Bairro da Paz é afro-brasileira, possui o perfil socioeconômico de desemprego, vivências de riscos e vulnerabilidades, pobreza, desigualdades sociais, segregação, periferização, exclusão social. Essas famílias buscam atendimento de serviços existentes na localidade, os quais são prestados, na sua maioria, por organizações sociais que assumem o papel de suprir as lacunas de proteção social na ausência de ações do Estado.

As famílias que moram no Bairro da Paz, em virtude de se localizarem na proximidade litorânea, no maior vetor de desenvolvimento urbano da cidade de Salvador, sofrem pressões, por estarem excluídos do acesso aos direitos básicos.

A realidade de quem reside no Bairro da Paz é de exposição às vulnerabilidades sociais, desde a origem do bairro. Desde sua formação inicial, essa comunidade é acompanhada pela ausência de políticas públicas para construção de unidades residenciais

populares. Tal violação acarretou nesse contexto de exclusão e condições precárias de moradia, saneamento, segurança e de lazer.

Com o desenvolvimento desta pesquisa se identifica a transformação do Bairro da Paz e dos núcleos familiares considerados como espaços de cuidado e a centralidade da posição da mulher-mãe, que assume o papel de protagonista responsável em promover o bem-estar de sua família, além de promover o sustento do lar.

As contribuições e investimentos de todas as Organizações Sociais que atuaram e atuam neste contexto, produziram impactos observados pela pesquisadora que vivenciou o cotidiano do bairro no início dos anos 2001 a 2004, podendo reafirmar tais observações no contexto desta investigação, seja pela prática profissional desenvolvida, seja pelos relatos colhidos na observação participante e nas entrevistas realizadas com as participantes deste estudo.

Quanto ao perfil das famílias das mulheres-mães entrevistadas, há membros desempregados, empregados em conselhos de direito, funcionário público atuando na saúde, filho programador do Tribunal de Contas do Estado, filhos cursando universidade ou integrando Orquestras de Música e Corais. Não se pode ignorar que tais investimentos nas potencialidades de desenvolvimento humano são frutos de Organizações Sociais que atuam no Bairro da Paz.

2.4 A Organização da Sociedade Civil Clara Amizade

A Clara Amizade foi fundada pela segunda filha de uma família de operários com oito filhos. Trérèse Cornille nasceu no dia 13 de maio de 1917, em Wasquehal, no norte da França. Residiu em uma casa com espaço e com escassez monetária, necessitando de envolvimento de todos na manutenção familiar. Herdou do genitor, Louis Cornille, a militância, já que seu pai foi um dos fundadores do sindicato da Confederação Francesa de Trabalhadores Cristãos (CFTC do Norte). Daí nasce em Trérèse a sensibilidade de observar a educação dos filhos, com o forte legado de fé cristã.

Aos onze anos Trérèse Cornille inicia a labuta da sua vida. Ao perder sua mãe, ela se vê obrigada a deixar de estudar para cuidar de seus irmãos enquanto o pai trabalhava. Ao completar treze anos de idade, entrou na fábrica como operária têxtil, pois seu pai ficou deficiente visual e não pôde mais trabalhar, o que deixou a família vulnerável

economicamente. A jornada de trabalho naquela época era igual para os adultos e para os adolescentes, ou seja, uma jornada de trabalho de dez horas por dia, em pé diante do tear, sem descanso de almoço ou folga aos domingos, sem direito a férias remuneradas. A fundadora da Clara Amizade, ainda adolescente, no período da Primeira Guerra Mundial, caminhava duas horas de casa até o seu local de trabalho.

Imersa nesse ambiente de encontro com operárias, aos quinze anos começou a escrita de um diário com histórias de vidas e de trabalho, cuja vivência sensibiliza Trérèse a preparar-se para seus compromissos futuros. Ela deseja entrar para a vida religiosa e então organiza suas atividades de operária pensando em disponibilizar sua vida para cuidar do ser humano, mas de uma forma integral.

Desde 1932 a jovem Trérèse, que não se identificava com o trabalho fabril – ela comparava-o ao dos presos de uma penitenciária – passou a ser militante do movimento Juventude Operária Cristã Feminina (JOCF). Com o tempo de dedicação na JOCF, assumiu várias posições no Movimento Feminino Cristão até se tornar responsável por uma Federação, depois responsável geral e membro do Conselho Nacional. Essa experiência acumulada, nascida da experiência vivenciada com sua família, dos encontros com mulheres no ambiente fabril e a participação no movimento social se tornaram um patrimônio de iniciação à vida operária e social dos quais Trérèse nutriu a tomada de decisão para transformar em missão.

Nasceu em Trérèse o sentimento de respeito e amor pela vida das jovens trabalhadoras, que encontrou ao longo de sua caminhada durante seis anos, ao perceber que aquele ambiente ocupado por elas era uma zona dominada pelos nazistas e proibida de circular, de modo que ela corria grandes riscos em ir conhecer as condições de vida de tais jovens. Tal experiência enriqueceu a vida da militante em defesa da vida dos mais vulneráveis socialmente. No fim de sua gestão à frente do Movimento Feminino Cristão, ela presta contas de seu trabalho ao seu bispo, o cardeal Liénart, e atenciosamente faz a leitura do diário que relata a vida da militância de mulheres do ambiente têxtil. O líder religioso comprovou a exposição de vidas, por conta das necessidades que tinham as jovens trabalhadoras, não somente de condições de trabalho mais justas, mas também de um apoio na sua vida afetiva e espiritual. O cardeal ficou impressionado diante de tantas histórias, todas marcadas por sofrimento, e sentiu-se motivado a ajudar Trérèse a realizar a abertura de casas onde as jovens que viviam longe de suas famílias pudessem encontrar um ambiente familiar, sendo ajudadas por pessoas dispostas a acolher as diferentes demandas da vida.

Essa missão proposta concretizou-se com a abertura da primeira casa, em 15 de outubro de 1946, em Roubaix, com o espírito de que tudo que existia naquele ambiente estaria sob a responsabilidade de todos os envolvidos. Era uma estratégia para desenvolver o sentimento de pertencimento em prol de um ambiente que funcionasse com espírito familiar, a fim de que cada jovem sentisse a solidariedade quando fosse acolhida com base no amor e no respeito.

O trabalho iniciado por Trérèse foi espalhado pelo mundo. Atualmente existem dezoito casas de acolhimento e formação em quatro continentes: Europa, África, Ásia e América Latina. Na Europa, as atividades funcionam na França, país de origem, com seis casas lar de acolhimento com hospedagem até que o atendido seja reinserido na vida em sociedade. Na África, as casas estão em países que falam francês: Senegal, Costa do Marfim, Nigéria, Burkina Fasso, Benin. Na Ásia, localiza-se no Camboja e na América Latina, no Brasil.

Toda essa atividade é instalada nos diversos países, nascendo do convite da Igreja Católica, quando a instituição percebe a necessidade de atender às demandas sociais não supridas por organismos locais. As ações institucionais são custeadas com convênios públicos e doações de pessoas físicas ou jurídicas. Cada casa de acolhimento ou formação tem uma associação constituída por membros da sociedade civil que se engajam na defesa de causas hoje baseadas na Agenda 2030, baseadas nos Objetivos de Desenvolvimento sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), enquanto plano de ação para melhorar a vida das pessoas.

A fundadora da Clara Amizade, que se tornou deficiente visual aos quarenta e cinco anos, respondeu a todos os chamados para atuação institucional com a ajuda de missionárias e amigos que se identificam na defesa dos mais frágeis e momentaneamente estão vulneráveis. Assim, a missão da Organização Social se efetiva com a participação da Sociedade Civil, sendo possível existir juridicamente regido por estatutos de Clara Amizade, que posteriormente foi também reconhecida como Associação Canônica Universal, cujos estatutos foram oficialmente depositados em Roma, em 1975. Foi reconhecida, segundo o Direito Canônico, em 1983, como Associação Privada Universal de Fiéis, de direito pontifical, depois da morte de Trérèse Cornille.

A Associação Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia (AACBA) foi criada, legalmente, em 13 de maio de 2000.

É uma entidade sem fins lucrativos, que tem como missão promover o desenvolvimento global de crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de

vulnerabilidade social. Contudo, iniciou ações de reconhecimento do território explorando a periferia do Vetor Norte da Cidade de Salvador, escutando demandas e necessidades de famílias direcionadas pelas lideranças e representantes das comunidades locais. Missionárias da Clara Amizade vieram para Salvador, formaram a equipe da AACBA e junto com líderes comunitários foram ao encontro de jovens mulheres e suas famílias, conheceram as dificuldades cotidianas nos bairros nos quais a OSC tem atuação.

A vinda da instituição para o Brasil foi um pedido do então Arcebispo de Salvador, Dom Lucas Moreira Neves, para a fundadora, antes de seu falecimento. A OSC Clara Amizade desenvolve nas periferias do Vetor Norte a proposta pedagógica Programa de Educação Global e Capacitação Profissional em bairros nos quais os serviços públicos não são efetivos.

A atuação institucional se baseia em trabalhos preventivos de cunho socioeducativo que desenvolvem competências e habilidades com o objetivo de formar sujeitos e cidadãos. A atuação acontece em Centros Comunitários ligados à Igreja Católica, que conferem a legitimidade ao Programa Educação Global e Capacitação Profissional. Semanalmente a equipe de profissionais da OSC Clara Amizade se desloca, desenvolvendo as atividades no espaço físico em três localidades: Bairro da Paz, São Cristóvão, Itapuã, onde são ofertadas as oficinas de artesanatos diversos e pintura, cursos na área da beleza afro (maquiagem e trança africanas/mega hair), curso profissionalizante de manicure e curso artístico de dança, formações nas áreas pessoal, familiar e cidadã.

No Centro Comunitário de Nova Brasília de Itapuã funcionam cursos básicos, avançados e profissionalizantes da área de informática e comunicação. Também possui um espaço de beleza, na Casa Sede em Piatã, um espaço de Capacitação Profissional de Cabeleireiro desde 2009, desenvolvendo formação para mulheres e jovens maiores de 18 anos.

Sendo assim, a proposta da Organização Social Civil AACBA é acolher o público oriundo de famílias que vivenciam vulnerabilidades sociais e residem na periferia, cuja composição familiar é constituída de crianças, adolescentes, jovens e adultos, oportunizando aprendizados por meio de oficinas que despertam as suas capacidades e habilidades, de modo a torná-los pessoas responsáveis pela manutenção de sua própria vida.

As organizações sociais têm um desafio importante no atual contexto neoliberal, na medida em que assumem a responsabilidade e papel do Estado em promover atividades que modifiquem as questões sociais. Por meio da prestação de serviços essenciais, as OSC e o

Estado estabelecem Parcerias Público-Privadas (PPP), a exemplo do contexto Bairro da Paz, onde acontecem algumas ações como as que estão identificadas no presente estudo.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

A proposta metodológica orienta-se pela pesquisa qualitativa com observação participante e estudo de casos sobre a realidade de famílias residentes no bairro do vetor norte da cidade de Salvador – Bairro da Paz –, vinculadas à Associação *Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia*.

Para Minayo (2010), estratégia da pesquisa qualitativa relaciona estruturas semânticas com estruturas de investigação de campo, articulando a proximidade dos interlocutores que influenciam e determinam o contexto psicossocial, além do ambiente que produz mensagem. Esse caminho colabora na compreensão dos núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja frequência tenha significado ao ser retirada do texto analisado.

O estudo foi desenvolvido com a participação de seis famílias do Bairro da Paz, localizado no vetor norte de Salvador, onde a Associação *Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia*, atua desde o ano de 2006.

Os critérios de inclusão das participantes na pesquisa levaram em conta o fato de serem mulheres- mães chefes de família que foram educandas, que têm ou tiveram filhos atendidos na instituição, que foram ou são acompanhadas atualmente pela Organização da Sociedade Civil (OSC) mencionada.

Os dados foram coletados por meio dos instrumentos da Observação Participante e de um roteiro de entrevista semiestruturado. Segundo Schwartz (1955 apud MINAYO, 1993), a Observação Participante é um processo no qual o pesquisador se mantém em uma situação social, com a finalidade de vivenciar a realidade e realizar uma investigação científica.

Já o roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice III), proporcionou à pesquisadora uma maior flexibilidade para incluir outras questões que poderiam surgir durante a realização da mesma, bem como identificar aspectos subjetivos dos atores sociais envolvidos (MINAYO, 1996).

A entrevista configura em ruptura que propicia a percepção do cotidiano e sua elaboração, bem como momento em que pessoas carentes podem ter suas vozes ouvidas e experiências comunicadas, espaço de construção do próprio ponto de vista sobre elas mesmos e sobre o mundo (BOURDIEU, 2001).

As entrevistas foram realizadas em espaços escolhidos pelas próprias participantes: em suas residências ou no Centro Comunitário da Associação Clara Amizade. Seguiram-se à apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice II), sendo gravadas e posteriormente transcritas na íntegra¹.

A análise das entrevistas foi feita mediante a análise de conteúdo que segundo Richardson (2012, p. 223), busca “compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes”.

Cumprir destacar que, antes de se iniciar o processo investigativo e a coleta de dados, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da UCSAL – Universidade Católica do Salvador e recebeu Parecer de Aprovação nº 3.097.877, após o qual iniciou-se a coleta de dados.

Na responsabilidade de proteger a identidade das participantes da pesquisa, foram-lhes atribuídas a seguinte codificação: Mulher- Mãe – Número (1 a 6).

4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS, COM ENTREVISTAS

As participantes da pesquisa são vinculadas a Associação *Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia*. Pertencentes a famílias que buscaram uma localidade para morar e criar seus filhos e que encontraram no Bairro da Paz a oportunidade de possuir um lar, uma habitação.

Apresentamos a seguir, uma breve síntese da história de vida de cada uma das participantes, construída com base nos relatos colhidos nas entrevistas que realizamos.

4.1 Síntese das Histórias de vida das participantes da pesquisa

Mulher-Mãe 01

Esta foi a primeira mãe entrevistada na pesquisa. Tem a seguinte história de vida: 55 anos, viúva, ensino médio completo, considera-se católica. Engravidou aos dezessete anos. Como o relacionamento com o primeiro companheiro não deu certo, seguiu criando sua filha. Conheceu depois o homem que atualmente é seu esposo. Fruto dessa união, nasceram quatro

¹ As entrevistas realizaram nos meses janeiro a março 2019, sendo transcritas no mesmo período.

filhos. Relatou-nos ter quatro netos. Sua primogênita seguiu sua história sendo mãe aos dezessete anos.

Conheceu o Bairro da Paz quando um colega de trabalho de seu esposo ofereceu vender uma casa com terreno bem amplo. O casal comprou uma casa de taipa parcelada, a qual a entrevistada considera a maior conquista da união com o pai de seus filhos.

A família reconhece que, quando veio morar nessa residência, o bairro era distante de tudo, principalmente da Av. Paralela. Inicialmente viveram na casa de taipa até construir foram enfrentadas barreiras até superar para passar a gostar de residir na localidade.

O sustento da família advém do BPC - Benefício de Prestação Continuada – que a genitora recebe por incapacidade laboral, proveniente de problemas de saúde. Duas filhas contribuem com o sustento da família, através da bolsa auxílio estágio de engenharia e bolsa jovem aprendiz de outro projeto musical do bairro.

Essa mãe reconhece a importância dos projetos sociais existentes no Bairro da Paz, cujas atuações contribuem significativamente para o desenvolvimento da juventude:

Nesse lugar que criei meus filhos, eles tiveram oportunidades de estudar, fazer curso pré-vestibular e ingressar na faculdade. Nessa casa tem: uma futura engenheira civil e outra que faz o curso de gastronomia. A filha caçula é monitora do núcleo de música da orquestra Neojiba e as duas netas também participam do projeto de música. Tenho dois filhos homens: o mais velho caminhou pelo lado contrário de todos os filhos, herdou do pai o alcoolismo combinado com uso de substância psicoativa. Ele já teve preso, apronta ao ponto de estar foragido de onde foi criado, de tanto aprontar na vizinhança. Já o filho do meio é trabalhador, tem o ensino médio completo, mas não dá sorte de ficar no emprego como as minhas filhas.

Relata ainda:

Tenho muita preocupação com minhas netas, principalmente com a filha do primogênito. Pois, sou eu e as tias que sustentam a criança em tudo: do amor, carinho, dedicação, aos recursos materiais. Esta criança tem verdadeira admiração pela tia caçula que considera como sua verdadeira mãe. A criança acompanha ela (a tia) com muita dedicação. Os pais não dão a mínima. Para não sofrer tanto com a situação de meu primeiro filho homem, aproveito todas as oportunidades que o bairro me proporciona hoje: sou artesã, faço curso de pintura em tela, aula de teatro, dança. Percebo que ainda falta aqui mais oportunidades para os adultos e idosos. Temos instituições no bairro que favoreceram a vida de minha família. Apesar de ter momento que ‘...é melhor ficar dentro de casa, por que quem boa romaria faz em sua casa, está em paz; ouvir mais e falar menos...não vi e não sei, cabe em qualquer lugar e pra mim tá ótimo...

Para essa mulher-mãe, há muitos profissionais que se dedicam a desenvolver este lugar

Moradores do Bairro da Paz agora tem posto de saúde , uma UPA, Base Comunitária , Escolas. Foram muitas lutas, pessoas falaram, gritam, berraram. Para as conquistas acontecerem. Nós moradores precisamos fiscalizar e apresentar nossas visões aos doutores da lei. Os políticos que são eleitos pelo gueto que não mudam.

O espaço em que essa participante do estudo reside com as filhas, apresenta um sentimento de desprezo e dor. Pois, todos os projetos de melhoria das condições habitacionais a família é excluída por habitar em localidade distante do final de linha. moradias foi conquistado com muita dor e imerso em muitos acontecimentos.

Essa mulher-mãe 02 chefe de família tem vontade de trabalhar no próprio bairro com uma guia porém denuncia que:

Botar uma guia de alguma coisa na rua é muito risco. Pois, eu sei que o rapa vai tomar de mim. Porque os meus doutores não faz nada por mim, apesar do meu voto. Não me protege, não me defende e ainda toma o meu isopor. Exige que eu tenho que pagar cem ou duzentos reais pra me devolver aquilo que é meu e me diz que eu tenho que votar porque se eu não votar não tenho direito a minha aposentadoria...eu não tenho direito a isso e nem aquilo...eu acho isso desigualdade...ainda diz que nós somos...eh...livre...eu não creio que nós somos livres no país ainda...pra mim ainda existe escravidão...eu acho que existe uma heresia muito grande...uma hipocrisia...

A mulher participante do estudo apresenta em seu relato falas transcritas no texto acima que expõem as vulnerabilidades sócias que essa família vivencia no território do Bairro da Paz. Reconhece que têm mulheres que se concretizam seus sonhos visualizando a transformações dos filhos pelas habilidades das artes e estudos.

Apresenta o histórico da luta e resistência para que políticas públicas fossem instaladas na localidade.

Realizam seus sonhos que foi desenvolvido o estudo. prefere se resguardar na lei do silêncio, alega que só tem conhecimento dos fatos ocorridos no bairro quando ninguém quer mais deles saber. Seu cotidiano volta-se para o cuidado dos filhos e netos, e no enfrentamento de dificuldades e barreiras, em busca da sobrevivência da família.

Mulher-Mãe 02

Esta foi a segunda mulher-mãe entrevistada na pesquisa. Tem a seguinte história de vida: 50 anos, divorciada, com escolaridade de ensino fundamental I completo. Considera-se adoradora de Deus, não tem definição de religião, acredita que religião não menospreza nos momentos de aflição do outro.

Já teve trabalho fixo no passado: foi diarista. Necessitou se afastar com o crescimento das suas filhas que já não estavam com idade de permanecer na creche em tempo integral. “Passei um tempo como recicladora e tive tuberculose, houve hospitalização e mais uma vez as minhas crianças foram cuidadas pelos vizinhos até eu poder retornar para o bairro”. Contou-nos que atualmente a família sobrevive com a pensão das duas filhas. Ela e o ex-companheiro estão desempregados. No momento, é o cultivo de plantas que confere uma renda extra para esta mulher mãe.

Veio para Salvador a fim de trabalhar como empregada doméstica, no centro da cidade. Realizou o sonho de conquistar a casa própria, quando uma colega a convidou para conhecer o bairro. Casou-se e ocupou um pedaço de terra no bairro. Morou em um barraco de taipa, cujo telhado era de palha de coco. A região tinha muitas árvores que contribuíram para a instalação de inúmeras famílias nessa região.

Conforme relato da entrevistada, se hoje alguém tem uma casa de alvenaria e bloco é porque pagou um preço imenso. Os blocos e telhado de sua casa foram doados por uma amiga que mora no Bairro da Santa Cruz.

Durante a entrevista essa mulher-mãe nos relatou: “Para ter esta moradia que protege as crianças, eu passei por um trauma de estupro. Foi doloroso vivenciar esta situação, sem poder denunciar quem cometeu o ato. Tenho consciência que fui guerreira, ousada e tive garra ao superar o trauma do ato violento que sofri”.

Segundo ela, o legado que transmite as suas filhas é: “Precisamos estar preparadas para o que der e vier, pois, residimos em uma periferia em que aprendi a conviver”.

Essa mãe destaca que as instituições que atuam no bairro precisa sensibilizar as mães que tem filhos matriculados:

chamar essas mães pra doçura sem nenhuma invasão assim de território ou privacidade. Apresentar mostrar que nem todos os bairros tem essa riqueza que essas pessoas possa deixar esses filhos ir ver. Será que temos condições

financeiras de produzir? Um trabalho com material que não se compra a gente ganha.tudo isso que se custa caro para produzir. Quantas mães queriam essa oportunidade para realizar seu sonho que se concretiza pela vivencia desse. filho. No bairro temos uma

Resalta ainda :

No Bairro da Paz tem uma história de uma amiga minha, empregada doméstica que trabalhava numa casa e foi a filha da patroa desenhava muito bem e ensinou a filha a pintar ao descobrir o mundo pintar e desenhar hoje ela é desenhista no Rio de Janeiro mas não perdeu o vínculo com a localidade que nasceu, vem pra aqui passar as férias com os familiares e reconhece que tornou uma grande profissional a partir daqui. Temos tantas coisas ricas que outros lugares não tem.

Para essa mulher-mãe, sua residência “é um castelo”. O espaço em que ela e as filhas residem, foi conquistado com muita dor e imerso em muitos acontecimentos.

Essa mulher-mãe chefe de família prefere se resguardar na lei do silêncio, alega que só tem conhecimento dos fatos ocorridos no bairro quando ninguém quer mais deles saber. Seu cotidiano volta-se para o cuidado dos filhos e netos, e no enfrentamento de dificuldades e barreiras, em busca da sobrevivência da família.

Mulher - Mãe 03

A terceira participante deste estudo é uma jovem mulher-mãe de 29 anos. Tem uma única filha. Possui união estável. Concluiu o ensino médio. Relata que tem o legado da fé que lhe foi transmitido por sua avó materna que era Testemunha de Jeová. A entrevistada frequentava com frequência as reuniões da religião, já sua filha, esporadicamente. Todavia, em função de suas atividades profissionais, afastou-se das atividades de campo que a igreja exige.

Reside no Bairro da Paz desde os 8 meses de idade, quando seus pais, a convite de sua avó paterna lhes cedeu um pedaço de terreno. Atualmente reside na casa que recebeu de herança de sua mãe que por sua vez a adquiriu com uma indenização.

Esta mulher-mãe foi educanda da Associação Clara Amizade, no curso profissionalizante, no mesmo período em que sua filha também era atendida pelo projeto. Sua filha tem problemas neurológicos, faz uso de medicação anticonvulsivante.

Relata que tem dificuldade de conseguir consulta especializada com neurologista para acompanhamento sistemático de sua filha que tem convulsões desencadeadas a depender dos estímulos a que é exposta. Por este motivo, ambas frequentam o projeto social, o que favorece estar próximo à filha e lhe dispender os cuidados necessários.

A jovem mulher – mãe relata que já sofreu preconceitos ao apresentar seu currículo em agências de emprego: o Bairro da Paz é discriminado por notícias veiculadas em noticiários de televisão e em jornais de circulação impressos. Acrescentou que, apesar das lutas e conquistas das pessoas que moram na comunidade há mais tempo, a juventude ainda necessita quebrar muitas barreiras para se inserir no mercado de trabalho.

A entrevistada reconhece as Instituições que atuam no bairro possibilitam capacitação profissional, oferecendo cursos e oficinas. Destacou que foi somente depois de ter participado do curso de maquiagem, tranças africanas e teatro, que teve condições de melhor contribuir com o sustento de sua família.

Contou-nos que foi a partir dos quinze anos, quando sua mãe faleceu, que sentiu na pele o que significava ser negra moradora de periferia.

Ao longo da sua infância e adolescência sempre ouviu relatos das faltas de oportunidade no bairro que reside desde bebê. Relatou ainda: “Quando engravidei, meu marido e companheiro veio morar na casa em que estamos até hoje. Só o esposo trabalhava para prover as necessidades da filha que precisa de cuidados especiais. Só recentemente pude buscar alternativas para ganhar um dinheiro e melhor atender as necessidades de minha família”.

Sobre sua experiência de trabalho ainda nos contou:

O potencial financeiro só pude desenvolver trabalhando a transformação dos cabelos, sobancelhas de minhas vizinhas. É neste bairro que estou cuidando de minha filha e ao mesmo tempo incremento a renda da família. Todo trabalho que desenvolvo, coloco divulgação na rede social. Este novo momento de contribuição financeira vem sendo uma construção de ressignificado. E o meu companheiro não me diz desaforos.

Mulher - Mãe 04

Essa mulher-mãe de 31 anos, tem 2 filhos e vive em união estável. Chegou com a família para ocupar as Malvinas no final dos anos 1980, ainda criança de colo. Vivenciou os acontecimentos e todo desenvolvimento da comunidade ao lado de seus familiares. Relatou durante a pesquisa que seus parentes contribuíram para a formação do universo real e simbólico do Bairro da Paz. Relembrou das reuniões na Praça das Decisões sobre o futuro das Malvinas (Primeiro nome do Bairro). Destacou a importância da igreja Católica para todos que ali moravam e a união dos moradores para enfrentar as dificuldades.

A entrevistada reconhece que no Bairro da Paz apesar das dificuldades, há inúmeras oportunidades para as famílias, que não são encontradas em outros bairros. Há creche, escolas, projetos, igrejas, que possibilitam as pessoas se encaminharem para oportunidades que surgem. A mesma elata que hoje trabalha no aeroporto, o que conquistou com ajuda do serviço de intermediação de mão de obra fez ação no conselho de moradores. A família desta participante está amparada por esta atividade profissional.

Alega que só é possível melhor cuidar do autismo de sua primogênita, por ter um plano de saúde. Segundo ela, no Bairro da Paz há investimento no desenvolvimento humano: “Foi neste bairro que estudei o ensino fundamental, e só não completei o médio porque engravidei. Participei de todos os projetos desde criança. Já fiz até curso preparatório para o Enem mesmo trabalhando, com filho e marido”. Sonha em ingressar na universidade. Reconhece que a presença social das instituições no bairro, confere suporte para os cidadãos mudarem de vida, é só aproveitar as oportunidades oferecidas.

Mulher-Mãe 05

A mulher-mãe de 40 anos declara ter crescido junto com a antiga Malvinas, até essa se transformar no atual Bairro da Paz. Chegou na ocupação com sua mãe, buscando um local para morar bem próximo à praça, onde aconteciam assembleias. “Aprendi que a participação transforma vidas”. Foi participando das tomadas de decisões para melhoria da vida que a população que ocupou esta terra no meio da Avenida Paralela, área de alta especulação financeira conquistou residência e trabalho, esses foram provenientes da vivência no movimento social presente no bairro.

Descreve :

Morar aqui é vantagem para minha família. Não tenho argumentos para sair daqui. Já conheço uma boa parte da comunidade, eu sou bem conhecida ainda mais sendo agente comunitária de saúde. Participo de todas as coisas importantes. Frequento o comércio da localidade. Sou da igreja, conselheira dos conselhos de moradores. Iniciei a militância comunitária pelo quanto estudante. Hoje faço parte no conselho de pais da escola da minha filha preciso estar ciente do que está acontecendo. Só assim poderei ajudar a escola se desenvolver. Não tenho interesse de mudar porque apesar de tudo quando saio ao descer no ponto desde que saio do veículo sou complementada.. Não enfraquei esta formação de vínculo em outro lugar. Nesse lugar eu me sinto protegida

É casada com o segundo companheiro, tem dois filhos que estão vivenciando o mesmo ritmo da genitora: frequentam e participam das instituições que se instalaram no bairro após muitos embates, abaixo assinados, reivindicações com direito a fechar as pistas da Avenida Paralela.

A mulher-mãe relata que se hoje é funcionária pública da Secretaria Municipal de Saúde, assumindo o posto de agente comunitária, agradece as informações recebidas nas reuniões do Conselho de Moradores do Bairro.

Narra que os seus filhos estão vivenciando um outro contexto no bairro, contexto este fruto da participação que a própria mãe teve nas atividades Eclesiais de Base, desenvolvidas no bairro pela Igreja Católica.

Pude ser conselheira atuante, fazer muito curso sobre liderança pela Fundação Dom Avelar, Ceas etc. A reivindicação por serviços públicos, como creche, escola, posto de saúde, trabalho para a população, que viveu todo tempo a rejeição e discriminação por invadir um terreno e construir barracos de taipa e ter o direito de morar.

A entrevistada explicitou a difícil experiência de ser mãe solteira:

Experimentei as mesmas dificuldades que minha mãe. Só não foi pior porque eu tive o amparo do posto de saúde em que já era funcionária, tinha uma casa que minha mãe teve a coragem de construir. Hoje, já tenho uma

família constituída de pai, mãe e filhos, uma avó que não larga os netos, cuida e nos protege de todos os acontecimentos que o Bairro da Paz possibilita viver.

Mulher-Mãe 06

Essa mulher-mãe tem 46 anos e tem três filhos. Trancou o curso de Administração. Afirmou que trancou o curso porque exercer a posição de conselheira tutelar, estudante, mãe, esposa e mulher, exige fazer escolhas, optar no que se deseja seguir.

Escolheu a carreira de conselheira tutelar, devido a situação que enfrentou com o companheiro, pai de seus filhos, que a abandonou com suas três crianças, quando morava na casa da sogra. Narrou que a vida lhe desafiou a superar tudo e exercer a proteção de crianças e adolescentes residentes no Bairro da Paz e Região.

A história de vida desta mulher se constituiu na luta e superação das dificuldades financeiras. Segundo ela, seus filhos hoje são adultos bem-sucedidos, pois tiveram o seu exemplo: ela trabalhou inicialmente com reciclagem, depois no supermercado, direcionando os esforços para que seus filhos estudassem. Relatou-nos ainda:

Com as crianças pequenas vivíamos na Boca do Rio e pagávamos aluguel. Ele (companheiro) fez a proposta de morar com a mãe dele e construir a casa em cima da dela. Porém, nos deixou e eu passei um bom tempo vivendo de favor no quarto e sem poder opinar em nada. Foram muitas dificuldades. Atualmente os dois filhos mais velhos já são casados e tem excelentes empregos. São formados pela universidade, só o caçula que ainda não entrou na faculdade.

Esta mulher-mãe foi abandonada pelo companheiro e quando seus filhos já eram adultos, o pai de seus filhos retornou para o convívio da família. Até hoje o casal vive juntos.

Apresentadas as sínteses das histórias de vida das participantes da pesquisa, apresentamos na sequência, alguns pontos que saltaram aos olhos na leitura das transcrições das entrevistas.

Discussão e a Análise dos dados

Com base na síntese das histórias de vida das participantes é possível identificar a presença de diferentes configurações familiares:

De modo geral o estudo apresenta famílias com as mais variadas configurações

nuclear: “Eu e minha filha e meu marido” (Mulher-mãe 3), “Eu, meu marido e dois filhos” (Mulher-mãe 4), “Eu, filho e companheiro” (Mulher-mãe 6),

reconstituída, formada por casal em segunda união, na qual há filho(s)/a(s) de uma das partes ou de ambas: “Meu segundo companheiro, meus filhos e eu” (Mulher-mãe 5), monoparental chefiada por mulher: “Eu e minhas duas filhas” (Mulher-mãe 2),

família ampliada, composta pelas figuras parentais, filho(s)/a(s) e membro(s) com algum grau de parentesco: “Eu, meus filhos e minhas netas” (Mulher-mãe 1).

Essa heterogeneidade de configurações familiares também foi por nós identificada no bairro, mediante a Observação Participante realizada: há famílias monoparentais chefiadas por mulheres ou por homens, unipessoais (pessoa que mora sozinha), reconstituídas, homoafetivas, ampliadas, extensas.

Esses dados, colhidos nas entrevistas e na observação participante, vão de encontro as reflexões de Leal e Moreira (2011), as quais destacam que na atualidade ao lado da família nuclear, insurgem novas configurações, o que revela que a família permanece como espaço de convívio fundamental para o desenvolvimento humano e formação das novas gerações.

a) Dados demográficos sobre as mulheres-mães participantes da pesquisa

Percebe-se que a faixa etária das mulheres mães varia de 29 a 55 anos, sendo uma participante divorciada, uma participante viúva e quatro possuem união estável.

Há quatro mulheres-mães da religião católica, uma Testemunha de Jeová e outra que se reconhece como adoradora de Deus.

O nível de escolaridade varia de Ensino Fundamental a Ensino Superior incompleto. Além disso, das seis mulheres-mães entrevistadas, cinco possuem remuneração a partir de um salário mínimo, duas contribuem no sustento de suas famílias mediante benefícios que recebem: do programa de transferência de renda bolsa família (BF) e Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Os rendimentos para manutenção das famílias estudadas são frutos do trabalho formal e informal.

De acordo com os dados obtidos, todas as mulheres-mães são responsáveis pelo sustento da família, demonstrando a posição feminina de gestão do núcleo familiar, no que tange à manutenção de trabalhos domésticos que proporcionam o bem-estar ou atividades laborais para adquirir remuneração que possa custear as despesas da família.

b) Renda do grupo familiar das mulheres-mães

Quadro 1 – Dados sobre composição da renda familiar do estudo. Bahia, 2019

Tipo de Mulher – Mãe	Renda familiar (em salários mínimos)	Supri as Necessidades Básicas	Quais pessoas contribuem para arcar com as despesas da família	Valor do Salário Mínimo Atual
Mulher -Mãe -01	1 e ½ S.M	As Básicas	Mãe e Filha	R\$ 998,00
Mulher -Mãe -02	20% S. M	Não	Pensão das Filhas e Bolsa Família	R\$ 600,00
Mulher -Mãe -03	30% S. M.	Não	Esposa e Marido	R\$ 980,00
Mulher -Mãe -04	1 S.M	Sim	Mãe	Não Sabe Informar
Mulher -Mãe -05	2 S.M.	Sobreviver Mesmo	Esposo e Esposa	R\$ 900,00
Mulher -Mãe -06	2 S.M	Sim	Mulher-Mãe	R\$ 998,00

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades: um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

Observou-se que as mulheres-mães revelaram conhecimento sobre a renda familiar são das mulheres responsáveis em prover o sustento com contribuição de outros membros da família.

Nas famílias 02 e 03, o sustento familiar está subsidiado por percentuais muito abaixo do salário mínimo, demonstrando uma dinâmica familiar de vulnerabilidade econômica. O dado demonstra a importância e a necessidade de instituições, como a Clara Amizade, que ajudam as mulheres – mães a se qualificarem profissionalmente, a fim de que possam criar formas alternativas para angariar a subsistência de suas famílias.

No contexto de exclusão e vulnerabilidade social, marcado pelo desemprego, na ausência de uma eficaz ação do Estado na promoção de políticas públicas voltadas para geração de emprego e renda, a atuação dessas entidades é essencial para minimizar os impactos negativos decorrentes dessa realidade. Instituições como essas atuam na lacuna deixada pelo Estado.

Percebe-se no relato da mulher-mãe 04, que há um distanciamento da genitora do mercado de trabalho. Porém, há noção de economia doméstica quando a mulher-mãe administra a renda familiar. No trecho “...quando vejo no mercado tudo do bom e do melhor, eu só posso comprar o do menor preço”, há uma análise da mulher que vai ao estabelecimento

comercial e só pode levar o que cabe em seu orçamento, restringindo-se a compra, na maior parte das vezes a produtos mais baratos.

Há ainda situações, em que não se consegue adquirir um aparelho necessário à saúde, como podemos perceber nesta fala: “...a filha mais velha está precisando de aparelho ortodôntico, porém eu não posso, tenho muito pouco...”

O estudo revela que, apesar da limitação financeira desta mulher pesquisada, há uma noção de necessidade de consumir produtos e serviços direcionados à família em que está inserida. Segundo Bourdieu (1996), é o capital econômico que direciona a estrutura social vigente, interferindo diretamente no capital cultural compreendido como hábito, entendido pelo grau de instrução que se adquire com a escolaridade, e do capital social, proveniente principalmente da família, como um suporte ou apoio útil as carências, um amparo e benefícios produzidos dentro de redes de relações pessoais. Esse capital social é conquistado na relação de interação com as demais instituições que dinamicamente subsidiam a instituição familiar.

c) **Concepções sobre família nas mulheres-mães**

Outro ponto que emergiu na transcrição das entrevistas foi a concepção de família que as mulheres-mães têm.

Para a mulher- mãe 01: “Família, é união, é amor, é compreensão”. Para a mulher- mãe 02: “Família é tudo, equilíbrio, riqueza, bem maior, representa o amor”. Identifica-se nessas falas que o tecido que compõe o ser família são as relações, o que converge com o proposto por Donati (2012), de a família ser o espaço de constituição de bens relacionais, ou seja, forjados na vivência das relações, impossíveis de serem comprados e adquiridos no mercado, que requerem tempo para serem cultivados e construídos e, que tem a força de criar vínculos que dão sentido à convivência e sustentam no cotidiano.

Segundo a mulher- mãe 03: “Família é a base. A primeira convivência na sociedade para ser um ser. É uma escola onde se aprende a lidar com outras pessoas no mundo”.

A mulher- mãe-04 expressa: “Família é a base, fundamental de tudo o que consegui, o que sou. A família é fundamental para isso, contribui para que a minha família hoje seja igual a que eu tive.”

Na experiência da mulher- mãe 05: “Família é o porto seguro, grupo que acolhe sem preconceito com os nossos problemas, nos aceita com o nosso jeito, nos guia, nos ensina, nos norteia”.

Para as entrevistadas, a família é a base, o alicerce, o espaço de construção da pessoa humana, lugar de aprendizagem de valores e atitudes. Essas falas corroboram com as reflexões tecidas por Petrini (2009), de a família constituir-se em um dos lugares primeiros onde a vida humana é acolhida e cuidada, lugar em que se participa com a totalidade do ser - com suas luzes e sombras – cujos vínculos construídos permanecem no tempo, fortalecem diante das adversidades existenciais, sendo apoio e suporte frente às dificuldades cotidianas.

A mulher- mãe 06 nos manifesta que em sua percepção: “Família são pessoas que convivem, sejam elas do mesmo grupo sanguíneo ou não”.

Em seu relato transparece que o mais importante para ser família é a convivência, seja com aqueles que nos são dados por vínculos de parentesco, seja com aqueles com os quais não se é ligado pelo vínculo sanguíneo.

Esse fragmento reafirma os achados das pesquisas de Sarti (1994; 2004) e Fonseca (2005), de se ter como família aqueles e aquelas com quem se pode contar e confiar, na vivência das dificuldades cotidianas. Incluem-se neste grupo, a rede de parentesco e as relações de vizinhança, desde que haja vínculos de reciprocidade e sentimento de pertencimento comunitário.

d) Concepções sobre experiência mulher-mãe

Quadro 2 – Concepções sobre experiência mulher-mãe Bahia, 2019

Tipo de mulher - mãe	Significado de Ser Mãe	Como se participa da vida dos familiares	Expectativa de futuro para vida dos netos
Mulher -Mãe -01	Ato de bondade e de amor, ato dado por Deus	Instruindo da melhor maneira possível, explicando as coisas da vida para eles.	De preocupação diante dos acontecimentos do mundo
Mulher -Mãe -02	Ser escolhida, a exemplo de Maria, a melhor mulher, ser rica e virtuosa	Vivendo em família	Merecedora de oportunidade, de ganhar um beijo, um abraço.
Mulher -Mãe -03	Um papel importante que no futuro precisa ser seguido a partir de sua experiência.	Diretamente cuidando de todos os detalhes. Buscando informação das experiências vividas	Espero que os netos sejam educados como estou sabendo educar os filhos e que tenham uma vida melhor.
Mulher -Mãe -04	Não tem explicação	Estar sempre presente	Espero ver da mesma forma que eu vejo meus filhos e que a minha mãe viu os dela.
Mulher -Mãe -05	Primeira gestação: mãe solteira, muito complicado já a	Com intromissão, verifico mínimos detalhes está no meio de todos os detalhes, vivenciar os	Ainda não me vejo com netos. Porém, vejo a presença de minha mãe muito atuante a (vizinha), acho que isso atrapalha. Desejo não

	segunda, me transformei mãe, desejei e esperei apesar de ter limite para viver a liberdade.	acontecimentos com este grupo.	interferir na vida de meu neto só quando me pedir.
Mulher -Mãe -06	Cuidado, proteção diante dos acontecimentos da vida.	Se comunicando, hoje com a contribuição do grupo da família no WhatsApp. Só há encontros nos fins de semana.	Ainda não pensei nisso como ter um neto. Acredito que meus filhos vão criar os filhos deles da mesma forma que foram criados.

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

Diante das respostas obtidas, ficou evidente que, no estudo, o significado de ser mãe representa ser a base de socialização e o local em que acontecem as relações sociais de transmissão da tradição e dos costumes. A mãe cuida, protege diante dos fatos da vida se reportando aos exemplos experimentados.

Os resultados encontrados com relação à concepção de participação da vida familiar e perspectiva de futuro ao conceber novas fases de vidas para os filhos já com novas gerações demonstra que a família é concebida como base de segurança e de união. O que coincide com o conceito de Bourdieu (1993) sobre como a família tem influências de representações importantes. Esse referencial é fundamental para a conexão de experiências dos membros familiares mães filhos e netos com o mundo externo na atualidade e tem interferência do uso de tecnologias para conectar as famílias.

As famílias participantes na pesquisa relatam que a maternidade dá um novo significado a vida, as rotinas se alteram a mãe 01 relata que a presença de um filho tudo na vida precisa ser explicado, já mãe 02 é necessário viver os acontecimentos em família, expectativa da mãe 03 e 04 é a dedicação do cuidado as experiência da vida estando presente. Nas famílias 05 e 06 as mães , as mães participam ativamente da vida dos filhos e familiares se comunicando o tempo todo inclusive por meios tecnológicos via aplicativos de whatApp

As famílias do estudo engrandecem a participação dos avós por compreenderem a preocupação sob os acontecimentos da vida como relata a mãe- avó 01 as demais participantes reconhecem os esforços das avós como case na transmissão do conhecimento, experiências. Contribuindo assim positivamente para os cuidados de sua prole que envolve filhos e netos no cuidado dos netos.

e) Motivações que trouxeram as mulheres-mães para morar no Bairro da Paz e motivações que as fazem continuar morando no bairro

As motivações que conduziram as mulheres-mães a morar no bairro e aquelas que atualmente as acompanham para ali permanecer foi outro aspecto significativo que insurgiu nas falas das entrevistadas.

A Mulher-mãe 1 destacou que veio morar no bairro da Paz: “Para sair do aluguel, meu companheiro comprou uma casa de taipa em um preço acessível, pagando aos poucos até poder construir uma casa de construção”.

Quando questionada se tem desejo de ir embora do bairro, respondeu: “Não, aqui consegui ter uma casa, fazer uma construção, enfrentando muitas barreiras”.

Quanto ao que motivou a vinda ao bairro da Paz, a Mulher-mãe 2 expressou: “A vontade de ter a própria casa” e quando perguntada se tem vontade de deixar essa localidade, disse: “Não, hoje conheço a dinâmica daqui. E ir para outro lugar para passar dor, aqui eu conquistei a boa convivência”.

Acerca dos motivos que acompanharam sua ida ao bairro, a Mulher-mãe 3 relatou: “Meus pais me trouxeram pequena. Minha avó paterna cedeu um pedaço de terreno para meus pais”.

Quando questionada se tem desejo de ir embora desse lugar, expressou: “Sim, apesar do bairro estar crescendo, falta oportunidades de emprego, ainda é muito discriminado, há fama de coisas ruins, há coisas para serem melhorados para esta população que mora aqui”.

Sobre sua vinda ao bairro da Paz, a Mulher-mãe 4, afirmou: “Cheguei aqui com 8 meses, com meus pais. Aqui era tudo barraco, ainda invasão. Estou aqui até hoje”.

Quanto a se quer deixar o espaço onde vive desde a mais tenra idade, expressou: “Não, aqui encontramos oportunidades. Ao conversar com as pessoas achamos até trabalho, instituições como a Clara Amizade que em outro lugar não tem”.

A Mulher-mãe 5 afirmou-nos que o que a levou a residir nesse território foi:

“A desigualdade social, minha mãe não tinha onde morar, ela veio e invadiu”. Quando perguntada se deseja deixar de ali morar, relatou: “Não, aqui já conheço boa parte da comunidade, sou conhecida apesar de viver na rua exercendo a profissão de agente comunitário, fiz e faço parte dos movimentos sociais do bairro. Aqui estou protegida”.

Acerca das motivações que a conduziram a morar no bairro, disse a Mulher-mãe 6: “Casei, engravidei, não podia continuar morando com meus pais, não tinha condições de pagar aluguel”.

Sobre se sente vontade de deixar de morar nesse local, expressou: “Não, quando chegamos ao Bairro da Paz era lama, o carro passava e a lama entrava para dentro de casa. Hoje temos a estrutura que outras localidades não têm. Aqui já estamos como bairro referência”.

Observou-se que, para as entrevistadas, de uma maneira geral, morar no Bairro da Paz foi motivado pela necessidade de ter uma casa própria. Algumas dessas mulheres ocuparam terrenos, enfrentaram intempéries e condições adversas como lama e falta de saneamento básico.

Na precariedade de suas condições financeiras, ergueram suas casas, da maneira como a elas e a suas famílias lhes foi possível: barracos, casas com parede de barro e cobertas com telhado de palha de coco. Apesar da precariedade da estrutura das casas, a sensação da conquista de ter seu próprio espaço de moradia, a possibilidade de deixar de pagar aluguel. No movimento de ida ao Bairro da Paz, identifica-se a dura realidade socioeconômica das entrevistadas e de suas famílias que ocupam o espaço que lhes é disponível no meio urbano ali continuam suas trajetórias existenciais. Movimento que reflete o que autores como (Carvalho, Hita, 2008), nos descreveram sobre o desenvolvimento da cidade de Salvador e seu entorno: a instalação da Petrobras, do Centro de Aratu e , que atraíram um contingente de pessoas para as proximidades destes espaços, sem serem acompanhadas por políticas habitacionais que respondessem às necessidades de fixação dessas pessoas, fazendo essas forjarem alternativas de sobrevivência e de moradia.

No movimento de ocupação do atual bairro da Paz, é possível identificar ainda o quanto esses moradores vão criando vínculos entre si, o que lhes possibilita o sentimento de pertencimento comunitário. Com exceção de uma das entrevistadas (Mulher-mãe 3), as demais afirmaram desejar continuar morando no bairro, o que parece evidenciar que na vivência neste local, apesar das condições dramáticas nele encontradas (dificuldades financeiras, presença de violência, dificuldades no acesso à saúde etc.), são gerados vínculos com os moradores locais e com as instituições sociais e religiosas que ali se fazem presentes. Aqueles são um suporte aos quais se recorre para enfrentar os desafios cotidianos e essas se constituem em possibilidade de capacitação para a busca de alternativas de fonte de renda. É possível reconhecer que a vivência dos vínculos de pertencimento comunitários amplia

possibilidades e oferece proteção social para que, inseridas em meio à realidade de pobreza, tais sujeitos não deslizem a condições de vulnerabilidade ainda maiores.

Quadro 3 – Questões que avaliam noções sobre o contexto do bairro em que essas famílias moram Bahia, 2019

Tipo de mulher - mãe	Como é sua relação com os acontecimentos do bairro
Mulher - Mãe -01	As coisas aqui são difíceis, só tomo conhecimento quando já passou.
Mulher - Mãe -02	Nada a declarar. Vivo com minhas filhas o natural.
Mulher - Mãe -03	Gosto de estar inseridas eu e minha filha aonde podemos ter oportunidades, apesar de perceber que a saúde precisa melhorar
Mulher - Mãe -04	Nada a declarar
Mulher - Mãe -05	Depende do acontecimento. Se interferir na minha família sou militante. Já os acontecimentos festivos não frequento por conta da violência.
Mulher - Mãe -06	Como sempre minha atuação foi ativa nos movimentos sociais, sempre estou envolvida nesta atividade pública. Para completar hoje sou conselheira tutelar.

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades: um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

De acordo com os participantes da pesquisa, o engajamento na vida pública do Bairro da Paz leva essas mulheres mães a se fortalecerem, ao se integrarem nas atividades comunitárias, propiciando-lhes o engajamento público e político.

Faz parte da história desta localidade. Mesmo vivenciando vulnerabilidades sociais que em alguns momentos fragilizam a comunidade e seu entorno. Os serviços que estão funcionando hoje teve o empenho de figuras que se destacaram nas lutas como o saudoso Waldemar, Lia, Tyna. Sujeitos que tiveram compaixão com a luta do outro (Relato da mulher mãe 02).

Todas as seis entrevistadas demonstram que suas famílias utilizam as instituições que prestam serviços no Bairro da Paz, umas com maior aprovação e outras deixando a desejar. Segundo a mulher-mãe 02, o grande patrimônio do Bairro da Paz é a sua luta; já a entrevistada 05 considera que a organização comunitária é o diferencial que faz parte da história de conquista de superação das dificuldades enfrentadas nessa localidade.

Os dados coletados afirmam que a comunidade do Bairro da Paz mantém sua memória viva a partir das histórias de vidas das mulheres mães que possuem uma inserção ativa na localidade:

A Mulher-mãe 01 considera que as coisas não são fáceis, ou seja a informação sobre os acontecimentos desta localidade só chegam ao seu conhecimento quanto muito tempo já se passou, já a mulher mãe 02 suas atividades cotidianas são voltados para o cuidado restrito da sua assim como a mulher mãe 04.

Nas respostas acima da mãe 03, 05 e 06 a militância ativa delas nos embates para e conquistas de melhoria das condições de vida foram importantes para a família delas e de outras. A participação da mãe 03 possibilita oportunidades de acesso para ela e sua filha, já a mãe 05 foi o movimento social que possibilitou o engajamento militância e transformação da vida da família e das demais famílias que coabitam nesse bairro periférico.

As entrevistadas afirmam que foram através das atividades do Conselho de Moradores e a Fundação Dom Avelar que a localidade conquistou serviços públicos que hoje de amparo para quem reside aqui: como as creches comunitárias iniciadas por Ezebia e Balbina, Fundação Cidade que guardou e profissionalizou muitas crianças e adolescentes hoje adultos, a primeira Escola Municipal construída de flandre para que hoje tenhamos prédios que abrigam os serviços educacionais para o ensino fundamental e médio. O Posto de Saúde só foi instalado após surto de cólera na comunidade. As participantes reafirmam que na ausência da administração pública foram estes espaços comunitários que subsidiaram a formação e capacitação humana à população local.

Constata-se na demonstração dos dados que, na atualidade, o Bairro da Paz possui alguns equipamentos públicos CRAS, Posto de Saúde, Base Comunitária de Saúde, UPA, Projetos Sócios conveniados com a Prefeitura Municipal de Salvador e Governo do Estado, Escolas que atendem e dão suporte a população do Bairro da Paz.

O próximo tópico abordará as concepções das participantes sobre as vulnerabilidades sociais no Bairro da Paz e suas implicações nas relações familiares.

Quadro 4 - Concepções sobre vulnerabilidade nesta localidade, Bahia, 2019.

Tipo de mulher - mãe	Consideração sobre vulnerabilidade nesta localidade
Mulher - Mãe -01	Falta de oportunidade de emprego, mais escola de ensino fundamental e médio, mais atividades para os idosos.
Mulher -	Melhoria das moradias já existentes, pois os moradores sofrem discriminação

Mãe -02	por suas condições de vivencia.
Mulher - Mãe -03	O Bairro da Paz precisa de melhor serviços de segurança pública e de saúde.
Mulher - Mãe -04	Existe?
Mulher - Mãe -05	Alguns acontecimentos ruins nesta comunidade.
Mulher - Mãe -06	Hoje a vulnerabilidade social é menor do que 20 anos atrás. Ainda tem desemprego, que gera privação de alimentação eu vivi esta situação.

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades: um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

A concepção das participantes sobre vulnerabilidades sociais aponta para a falta de acesso aos benefícios disponibilizados pelos acessos econômicos e sociais (PAUGAM, 1996 apud DIAS, 1998, p. 190).

A concepção de acesso a políticas sociais e públicas na área da educação, emprego e renda, habitacionais, segurança pública, saúde, provações alimentares compõem as interpretações sobre quais exclusões as participantes do estudo vivenciam no cotidiano.

A necessidade de intervenção de organizações sociais no Bairro da Paz evidencia que famílias tiveram a suporte frente aos impactos provocados pelas dificuldades ocasionadas por vulnerabilidades sociais.

A mulher-mãe 06 demonstra que na sua família foi o engajamento no movimento popular de mulheres em prol de inclusão da juventude do Bairro da Paz “...que fez eu enfrentar o desemprego e a privação alimentar com três filhos para criar”. Como se pode observar, a vulnerabilidade impulsionou a participação desta família em estratégias para superar a questão. De acordo com Gonçalves (2005), experiências como as das participantes do estudo, no contexto que possui interferência de vulnerabilidade social, possibilitam que sujeitos familiares demonstrem liberdade de escolha e de possibilidades de vida a partir de suas vivências.

Comparando os achados do estudo de mulheres mães que vivenciam vulnerabilidades sociais no Bairro da Paz, desde a sua fundação até o presente momento as participantes 01, 02,03, 04 relatam que residem no gueto e que aprenderam a conviver com as pessoas que optam por escolhas ruins. Se assustam quando acontece quando acontece morte com uma vítima conhecida. O que incomoda a polícia que vem fazer uma operação em vez de “proteger”, invadem o bairro e não e não faz diferença quem esta envolvido com uma atitude ilícita (tráfico de drogas) ou não todos são tratado com total desrespeito e como se todos participassem das mesmas práticas.

Como é possível observar, a realidade mais dramática dos bairros periféricos urbanos é ocasionando pelo envolvimento de sujeitos com o tráfico de drogas, que coloca inúmeros dramas à população local. Medos, desconforto e insegurança são sentimentos relatados pelos

participantes que tem receio dos confrontos com policiais, que rotulam os residentes da localidade. Nivelam os moradores de forma homogênea como se todos se utilizem de possibilidade de ganhar a vida de uma maneira ilícita e perigosa e de uma certa forma, um ganho fácil, mas à custa de risco iminente de morte.

A experiência da participante mulher mãe 06 que reside na proximidade da Avenida Paralela mostra que ela não sentiu impactos do acontecimento do bairro por estar residindo na proximidade da Avenida Paralela, bem perto da estação de metrô.

Já a segunda mulher mãe faz a seguinte pontuação: “...em Salvador, nós, que moramos no gueto, sabemos que os doutores não fazem nada...”. A narrativa evidencia a consciência da moradora que chegou às Malvinas desde o surgimento da invasão.

A mulher mãe 05 relata ter vivência no Bairro da Paz desde criança. Porém, hoje colocou uma infraestrutura de internet, TV por assinatura, brinquedos, para que seus filhos não desejem ir para rua. A família mora no bairro e não frequenta atividades noturnas ou de festividades com receio das consequências da reunião de pessoas, cujos encontros são movidos pelo consumo de bebidas alcoólicas.

Essa localidade foi constituída sinalizando “padrão periférico” (CARVALHO; PINHO, 1996, p. 36) de urbanização desde sua origem, expressada na precarização da infraestrutura física e pela ausência de serviços públicos, como transporte, saneamento, segurança etc., o que ocasionou posicionamentos de autocuidado para com os acontecimentos do bairro.

No quadro 05 são apresentadas as concepções sobre orientações de proteção da mulher-mãe.

Quadro 05 - Concepções sobre orientações de proteção da mulher mãe

Tipo de mulher - mãe	Como se cuidar e proteger
Mulher - Mãe -01	Não se intrometendo. A lei é não vi, não sei e cabe em todo lugar. Sempre ouvir mais e falar menos.
Mulher - Mãe -02	Mesmo cansada do trabalho árduo, quando chegar em casa abraçar o filho e incentivar não desperdiçar a oportunidade. A Clara Amizade é um exemplo, a Escola Jorge Amado é outro.
Mulher - Mãe -03	Estar atenta com quem se anda, sempre procurar ocupar a mente com estudo, trabalho, cursos. Se divertir é bom com prudência.
Mulher - Mãe -04	Procurar evitar, evitar que seus filhos estejam na rua, nunca deixar atoa para que a outra parte não tome conta.
Mulher - Mãe -05	Participar de tudo que existir em prol do desenvolvimento do bairro para o lado do bem. Ensinar as crianças o gosto pela leitura, desenhos animados que ensine o sentimento de beijar, abraçar e cuidar. Assim, ameniza o lado ruim.
Mulher - Mãe -06	Evitar estar na rua nas madrugadas, Bairro da Paz tem seis acessos de saída do bairro moradores antigos nascidos e criados aqui se conhecem. O problema está em quem chega, apronta e sai como se não tivesse acontecido nada. Esta localidade cresceu

	muito.
--	--------

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades: um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

Nota-se que, nas famílias envolvidas no estudo, existe um conhecimento do cotidiano do Bairro da Paz. Reconhecem existir violências que não podem ser transmitidas ou relatadas, conforme aponta a participante mulher mãe 1: “...ouvir mais e falar menos”. A mulher mãe 06 ressalta: “Hoje o Bairro da Paz tem seis acessos de entrada e saída do bairro, não se pode circular nas madrugadas como no passado”. Já a mulher-mãe 05 relata que a estratégia de sua família é ensinar às crianças o gosto pela leitura e provocar os sentimento de carinho e cuidado, amenizando o lado ruim vivenciado em um bairro periférico. A mulher mãe 03 traz a necessidade de prudência para se vivenciar as trocas e interações entre gerações que proporcionam mudanças nas famílias que moram no Bairro da Paz.

No quadro 06 são apresentados os Significados que as Instituições presentes no bairro têm para as participantes da pesquisa.

Quadro 6 - Significado das Instituições neste bairro.

Tipo de mulher - mãe	Quais Instituições ajudam no cuidado e preservação deste bairro
Mulher - Mãe -01	A Clara Amizade, A Base Comunitária de Segurança, O CRAS, Avançar
Mulher - Mãe -02	A Base Comunitária e a Clara Amizade.
Mulher - Mãe -03	A Clara Amizade e o Avançar ajudam a transformar socialmente e psicologicamente os atendidos.
Mulher - Mãe -04	Os projetos da Clara Amizade, Avançar, Base Comunitária, as creches da Santana Casa.
Mulher - Mãe -05	O posto de saúde, os projetos Clara Amizade e Avançar, Escolas Públicas, estabelecimentos comerciais grandes.
Mulher - Mãe -06	Conselho de moradores, A unidade de saúde Dr. Orlando Imbassahy ,Creches Comunitárias da Santana Casa da Misericórdia

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades: um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

Através das informações descritas acima, relaciona-se que as instituições públicas como a Base Comunitária de Segurança Pública, Escolas, Escolas, Posto de Saúde, Centro de Referência em Assistência Social. Também a mulher mãe 03 elucida a importância dos projetos sociais que ajudam a transformar o cenário social e psicológico dos atendidos. Todas as ações desenvolvidas pelas Instituições no Bairro da Paz visam superar as vulnerabilidades sociais e transpor as lacunas deixadas pelas políticas públicas não efetivadas.

As participantes enumeram as seguintes entidades: Conselho de Moradores do Bairro da Paz, Projeto Clara Amizade, Programa Avançar, Creches Comunitárias da Santa Casa de Misericórdia e comércio local.

Observou-se que as instituições que atuam no Bairro da Paz possuem peso e importância em suas iniciativas de atender as demandas dos sujeitos que compõem as famílias do bairro. As Organizações Sociais são reconhecidas pelas famílias entrevistadas por oferecerem suporte às vidas nesta localidade periférica

Há um significado para estes investimentos, desde a fundação do bairro, que pressionaram as iniciativas governamentais e não governamentais a se instalarem na localidade. As informações demonstram a gama de possibilidades que foram creditadas em prol do desenvolvimento humano.

O relato da mulher mãe 02 enfatiza que no Bairro da Paz “... é uma favela que conquistamos serviços importantes para as mulheres poderem trabalhar. Temos creches, projetos da Base Comunitária para entrar na faculdade, a Clara Amizade desenvolve arte, o Senai Cimatec já fez capacitações aqui no bairro.

Já a participante mulher mãe 03 relata que essas iniciativas e projetos promovem oportunidade e o desenvolvimento das pessoas, mas nas questões de saúde, afirma que necessitam de profissionais especializados.

No quadro 7 são apresentadas as Concepções acerca do que ainda, na opinião das entrevistadas, é necessário ter no bairro.

Quadro 7 - Concepções sobre o que neste bairro precisa ter.

Tipo de mulher - mãe	Neste bairro o que precisa ter
Mulher - Mãe -01	Área de lazer, cursos e oportunidades voltados para terceira idade
Mulher - Mãe -02	Na área de saúde: mais psicólogos para tratar a comunidade com mais amor.
Mulher - Mãe -03	Bancos, Lotéricas. E para crianças: escola que atenda a necessidade dos que moram aqui.
Mulher - Mãe -04	Área de lazer
Mulher - Mãe -05	Os bancos poderiam organizar um espaço arrumado e com segurança. Pois os caixas rápidos deixam a população exposta à assaltos.
Mulher - Mãe -06	Falta lotérica para pagar as contas.

Fonte: Pesquisa Vivenciando Vulnerabilidades: um Estudo de Caso Famílias Residentes no Vetor Norte da Cidade de Salvador.

Com base nos achados da pesquisa, identifica-se que o Bairro da Paz os equipamento e instituições que ainda precisam se instalar na localidade. Pode-se citar a resposta das

participantes 03, 05 e 06, as quais reconhecem a importância de equipamento financeiro como bancos ou lotéricas que possam pagar e receber contas água, luz, boleto.

O dado demonstra que os serviços bancários ou redes credenciadas, como as casas lotéricas não reconheceram o registro oficial dos dados do IBGE, no censo demográfico de 2010, que apresenta uma população de 19.407 habitantes com 51,11% do sexo feminino, cuja renda mensal média fica em torno de R\$776,10, sendo que 82,9% da população sobrevivem com até 03 salários mínimos e 15% não possuem rendimentos, vivendo em situação de extrema pobreza

Há no estudo o relato de sentimento de exclusão do cidadão no cenário de desenvolvimento urbano da cidade de Salvador quando a participante mulher-mãe relata falta de espaço de lazer e de serviços que atendam com mais respeito às necessidades da população de terceira idade ou até mesmo a comunidade.

Segundo Moulin (2011), a vivência com a exclusão ou exposições às vulnerabilidades levam os enormes contingentes de pessoas ou grupos a buscarem estratégias alternativas para recompor as suas necessidades de subsistência. Nota-se, portanto, a participação efetiva dos envolvidos neste estudo quanto a influências positivas para transformar a realidade do Bairro da Paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se compreender de que maneira as vulnerabilidades sociais interferem na dinâmica familiar de mulheres mães residentes no Bairro da Paz, a primeira constatação foi a de que a invasão das Malvinas nasce na década de 1980, como consequência da falta de políticas habitacionais direcionadas para famílias de classes populares que migraram dos interiores do estado da Bahia para a capital, sendo atraídos pela possibilidade de emprego, quando foi instalado o Parque Industrial Área Metropolitana de Salvador, com instalação da Petrobras, Centro Industrial de Aratu, Polo Petroquímico de Camaçari. A insuficiência de espaços para moradia na cidade de Salvador encorajou um grupo de cinquenta pessoas a ocupar o espaço territorial hoje conhecido por Bairro da Paz, de modo que a compreensão de vulnerabilidade social nasce deste fato, já que na ocupação do espaço desocupado constituíram-se moradias irregulares e precárias, adentrando a margem da recém-construída Avenida Paralela.

Atualmente o Bairro da Paz possui infraestrutura urbana mesmo não atendendo a real necessidade da comunidade. Há serviço de: rede de água, esgoto, urbanização asfáltica, transporte público, estação de metrô, iluminação elétrica, coleta de resíduos sólidos, base comunitária de segurança, escolas de ensino fundamental e médio. Todos esses serviços governamentais são frutos de batalhas do movimento pró-urbanização que teve a Fundação Dom Avelar Brandão Vilela como financiador de assessorias para os movimentos sociais da comunidade. Isso motivou a população para que exigisse dos governantes da época condições dignas de sobrevivência para as famílias que residiam na comunidade.

Nos registros do conselho de moradores do Bairro da Paz no ano de 1993 foi identificado um surto altíssimo de cólera no Bairro da Paz. O entorno era circulado pelos rios Rio Mangabeira, Rio Jaguaribe e um afluente do rio do Bairro da Paz, cujos mananciais, com as fortes chuvas e enchentes do período, proliferam a cólera. Da sensibilidade da enfermeira sanitária Tyna, da FDA, que estava com um imóvel construído para implantar uma congregação de freiras, surgiu a concessão das instalações em regime de comodato à prefeitura, a fim de que funcionasse um posto de saúde, por um contrato de dois anos, o que se estendeu a doze anos até que se construísse a unidade definitiva de saúde no bairro.

As mulheres tiveram grande contribuição para as conquistas dessa fixação na localidade, cujas terras tinham alto poder aquisitivo, e que abrigaram classes populares. A contribuição de figuras como Tyna, da Fundação Dom Avelar, e da única prefeita mulher da

capital baiana, cooperaram com o fortalecimento da luta e resistência das famílias que escolheram desbravar um território que não possuía infraestrutura, conforme relata a segunda participante da pesquisa: “... água... buscava no chafariz com muita distância, quando o barraco de taipa para as pessoas que moravam já estava mais estabilizado. Era um deserto, aconteceram coisas que não podemos comentar...” Ao se analisarem os dados obtidos, é possível perceber que diversos fatores influenciaram, para que essas famílias resistissem transformando as dores vividas em poder de socialização de novas posturas e posicionamentos importantes para os grupos familiares residentes no Bairro da Paz.

O relato das mulheres mães que vivenciam vulnerabilidades sociais foram observadas que estas buscam oportunidades para superação quando se tornam mães. Tal condição, impulsionam estas mães assumirem o protagonismo que influenciem seus filhos e trilharemos novas situações na vida. Desconstituir os estigmas é o patrimônio que estas participantes do estudo desejam deixar para os seus sucessores filhos e netos

O estudo ajudou a compreender a como esta dinâmica familiar de classes populares é interferida pelas vulnerabilidades sociais que colocam seus esforços para superar condições econômica, política e social que excluem socialmente famílias moradoras do Bairro da Paz.

Os resultados possibilitam confirmar a família está em plena transformação quando buscam arranjos e novos modos para promover a sobrevivência a partir da contribuição dos filhos que recebem bolsa de auxílio por estarem cursando faculdade, outra gastronomia, e outras três inseridas em projetos de músicas que funcionam na cidade de Salvador, são exemplos de reconstrução de novo moldes de interação e dinâmica evidenciados na pesquisa.

Ao se estudar a importância da presença e participação ativa da imagem feminina nesta pesquisa, partiu-se da concepção de que existe nesta comunidade que foram as mulheres mães que impulsionam novos posicionamentos, evidenciado nas famílias pesquisadas. As mulheres mães do estudo enfatizam que é necessário transmitir aos filhos, filhas e netos reais a situação socioeconômica vivenciada. Se faz necessário levar os jovens aos estabelecimentos comerciais apresentar: “... precisam consumir produtos que supram necessidades com qualidades” com o pouco recurso que se tem. A realidade vivida pelas famílias participantes é um acesso desigual e limitado aos recursos produtivos e baixo ingressos ao consumo (CAVALCANTI, 2013, p 151).

Evidenciou-se neste trabalho, a importância dos projetos sociais que impulsionam o conhecimento das famílias de artes e músicas e que têm presença marcante no bairro. Estas

iniciativas transmitiram novos valores que favorecem a solidariedade entre os membros das famílias.

O principal resultado desta pesquisa é a relevância de como as famílias de classes populares chefiadas por mulheres mães transmitem os significados importantes para a interpretação das relações no mundo mesmo passando por privações econômicas, sociais e culturais. Segundo Bourdieu (1994), este pertencimento dos indivíduos produz um conjunto de novas práticas que se pode chamar de *habitus* de classe.

Segundo a mulher mãe 02, há um sentimento de culpa por não proporcionar uma vida melhor aos membros da família:

“...incentivo as minhas filhas estudar e se dedicar aos aprendizados do curso que fazem para não viver como uma mulher-mãe em condições que eu vivo com elas... espero ainda ver as herdeiras morando em uma moradia digna. Me sinto impotente, infeliz, impotente de não poder dar um lar melhor às minhas filhas”.

Constata-se, a partir do diálogo com as mulheres-mães que participaram da pesquisa sobre o cotidiano de dificuldades, que aprenderam a adaptar ou modelar a socialização de seus filhos e filhas, a ocupação da posição central de chefe da família e a responsabilidade compartilhada com seus membros familiares. Assim passamos a refletir sobre as conquistas desse grupo que sofre várias influências, no entendimento de que são inúmeros os pontos de vistas e situações que provocam impactos e fazem eclodir as novas experiências de vida de membros familiares.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** Brasília: UNESCO: BID, 2002.
- ABOIM, S. **Conjugalidades em Mudança**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- ANDRADE, A. B. **Geografia de Salvador**. 2. ed. Salvador : EDUFBA, 2009.
- ANDRADE, A. B. Violência doméstica e justiça: resposta e desafios. **Sociologia**: revista do Departamento de Sociologia da FLUP, [S.l.], v. 20, p. 245-262, 2010.
- AZEVEDO, U B de. **Nas Trilhas da Cultura Uma investigação sobre grupos culturais de um bairro popular de Salvador**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- BAIRRO DA PAZ: DA RESISTÊNCIA À SOBREVIVÊNCIA Marcelo Amorim Correia; Creuza Santos Lage. p 3626 a 3642.
- BAIRRO DA PAZ - Malvinas do outro lado da ocupação. 22'09". Vídeo de Gabriel Teixeira vídeo etnográfico. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=NRD__2DmwA8>. Acesso em janeiro de 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. À propos de la famille comme catégorie réalisée. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 100, décembre 1993. pp. 32-36 Doi : 10.3406/arss.1993.3070 http://www.persee.fr/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070 (Trad. Elaine Pedreira Rabinovich)
- BRUSEKE, F. J. Risco e Contingência. Os paradigmas da modernidade e sua contestação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2006, 69-80 pp.
- BUSSO, G. (2001). El enfoque de la vulnerabilidad social en el contexto latinoamericano: situación actual, opciones y desafíos para las políticas sociales a inicios del siglo XXI. Santiago, Chile: CEPAL.
- CASTRO, Carla Ferreira de. **Família e moradia: um estudo sobre a “nova” vida dos beneficiários do Programa Minha Casa Minha Vida**. – Salvador, 2018.
- CANÇADO, T. C. L.; SOUZA, R. S. de S.; CARDOSO, C. B. da S. Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 19., 2014, São Pedro. **Anais...** São Pedro: [S.l.], 2014.
- CARVALHO, I. M. M. de; PEREIRA, G. C. (Org.). **Como anda Salvador e sua região metropolitana**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. 228 p. ISBN 85-232-0393-1.

CARVALHO, I. M. M.; PINHO, J. A. G. Duas lógicas em confronto: solo urbano e moradia em Salvador. In: RIBEIRO, L. C. de Q.; AZEVEDO (Org.). **A crise de moradia nas grandes cidades**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p. 189-204.

CASTEL, Robert. **As metarmofoses da questão social**: uma crônica so salário. Petropolis: Vozes, 1998.

_____. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. CADERNO CRH, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2019.

CASTRO, Carla Ferreira de. Família e moradia: um estudo sobre a “nova” vida dos beneficiários do Programa Minha Casa Minha Vida/Carla Ferreira de Castro. – Salvador, 2018

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 2004, Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: [S.n.], 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_alap/PDF/alap2004_295.PDF>. Acesso em: 29 mar. 2016.

CAVALCANTI, K. M. G. et al. A centralidade da família nas políticas sociais brasileiras. **Cadernos de graduação**: Ciências humanas e sociais Fits, Macéio, v. 1, p. 23-35, maio 2013.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Família, Sociedade e Subjetividades. In: PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

COSTA, E. M. **Casa Legal**: estudo de caso sobre o Programa de Regularização Fundiária em Salvador Bahia. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DIAS, I. “Exclusão social e violência doméstica: que relação?” **Sociologia**, Porto, p. 189-205, 1998. Disponível em: <http://www.setps.com.br/sistema_transporte/historia_transporte/historia.htm>. Acesso em: 29 mar. 2016.

DIAS, I. “. Violência domestica e justiça: resposta e desafios. **Sociologia**: revista do Departamento de Sociologia da FLUP, [S.l.], v. 20, p. 245 -262, 2010.

DONATI, Pierpaolo. Família no século XXI: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008. GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2012.

DUARTE, L. F. D.; GOMES, E. Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FONSECA, C. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 50-59, maio-ago. 2005.

_____. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, 2005.

GONÇALVES, H. S. et al. Problemas da juventude e seus enfrentamentos; um estudo de representações sociais. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, p. 217-225, 2008.

HISTÓRIA do Bairro da Paz. Entrevista com membros do conselho de moradores do Bairro da Paz, 5'55". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1hxahOUz0_A>. Acesso em novembro de 2018.

HITA, Maria Gabriela. Da Avenida Resistência à Praça das Decisões. In: **Rethinking histories of resistance in Brazil and México**. Manchester: Manchester University Press, 2008

HOBBSAWM, E. J (1994). *Era dos Extremos: O Breve Século XX – 1914-1991*. 2ª Ed. Trad. Sob a direção de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 598 pp. ISBN: 978-85-7164-468-7.

KATZMAN, R. Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay. Santiago de Chile, OIT- Ford. 1999.

KAZTMAN, R. (Coord.). **Activos y estructura de oportunidades**: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay. Uruguay: PNUD-Uruguay e CEPAL-Oficina de Montevideo, 1999b.

KOWARICK, L. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade do Brasil urbano. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.63, 2002 pp. 9-30.

MARIANO, S. A.; CARLOTO, C. M. Aspectos diferenciais da inserção de mulheres negras no Programa Bolsa Família. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, maio/ago. 2013.

MATOS, A. C. Comunidade do bairro da Paz: uma experiência brasileira de combate à pobreza. **Revista Angolana de Sociologia** v. 9, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/481>>. Acesso em: 30 abr. 2018. DOI : 10.4000/ras.481.

MENDES, M. A. Mulheres chefes de família: a complexidade e ambiguidade da questão. Apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, MG, 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em: . Acesso em 25 out . 2018

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1993.

MINAYO, M. C. de S. . **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. . **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde . 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIOTO, R. C. Novas propostas e velhos princípios: a assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sociofamiliar. In: SALES, M. A.; MATOS, M. C. de; LEAL, M. C. (Org.). **Política social, família e juventude**: uma questão de direitos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MIOTO, R. C. Família, trabalho com famílias e Serviço Social. Palestra proferida na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina: Serviço Social em Revista, v. 12, nº 2, 2010.

LEAL, T.C. M., MOREIRA, L. V.C. A Família e seu estudo na perspectiva de professores e formandos de um curso de Licenciatura em Pedagogia. In: MOREIRA, L. V.C.; RABINOVICH, E.P. **Família e Parentalidade: Olhares da Psicologia e da História**. Curitiba: Juruá, 2011.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos de uma História. In: JODELET, D. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MOULIN, Carolina. Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2011, v.26, n.76, pp. 145-155. ISSN 1806-9053. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092011000200008>.

MONTEIRO, S. R. R. P. O marco conceitual da vulnerabilidade social Simone Rocha da Rocha Pires Monteiro. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 17(2): 29-40, jul.-dez./2011.

O BAIRRO DA PAZ que eu amo final. Entrevista com alunos do segmento da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, 20' 42". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7JNu8KzugVA> >. Acesso em dezembro de 2018.

PACHECO, C. Paripe, Lobato e São Cristóvão estão entre os dez bairros mais violentos de Salvador. **Correio da Bahia**, Salvador, 23 ago. 2016.

PEREIRA, Potyara A. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: SALES, M. A.; MATOS, M. C.; LEAL, M. (Org.) **Política social, família e juventude**: uma questão de direitos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PETRINI, G. Significado social da família. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo (PUCMG)**, v. 16, p. 111-121, 2009.

PETRINI, Giancarlo. Políticas sociais dirigidas à família. In: BORGES, A.; CASTRO, M. G. **Família, Gênero e Gerações: desafios para as políticas sociais**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 207-231.

PMS - Prefeitura Municipal do Salvador. Centro de Planejamento Municipal. Gerência de Desenvolvimento Municipal. **Modelo de uso e ocupação do solo para áreas adjacentes à Avenida Paralela**. Salvador, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas S.A, 2012.

SARTI, C. A. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SARTI, C. A. **A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 1994. 215 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família: laços, redes e políticas públicas**. São Paulo: IEE-PUCSP, 2003.

SARTI, C. A. . A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SARTI, C. A. “Família enredada”. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família: rede laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SINGLY, François de. **Sociologia da Família Contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007

SMITH, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **Revista GEOUSP: espaço e tempo**, v. 21, p. 15-31, 2007.

SOARES, A. M. de C. Violência, Crimes e Jovens Empobrecidos. In: ESPINHEIRA, G. (Org.). **Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador**. Salvador: Ministério Público da Bahia, 2004.

SOUZA, A. G. **Limites do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século 20**. Salvador: EDUFBA, 2000.

VASCONCELOS, Pedro de A. Salvador: Os agentes de seu desenvolvimento. In: LAGE, Creuza S. et all (Orgs). **Os Lugares do Mundo. A globalização dos lugares**. Salvador: UFBA. Departamento de Geografia, Mestrado em Geografia, 2000. 287p.

VERAS, M. P. B. **Por uma Sociologia da Exclusão Social**. São Paulo: Educ, 1999.

VIGNOLI, J. R. Vulnerabilidad Demográfica en América Latina: qué hay de nuevo? In: Seminario Vulnerabilidad, CEPAL, Santiago de Chile, 2001.

WERQUIN, Jean. **Thérèse Cornille e a Clara Amizade**. Epifania. Editora do Cerf Paris 2001.

YUNES, M. A.M. & SZYMANSKY, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Ed.). Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, p. 13-42, 2001.

ZANIRATO, S. H. A restauração do Pelourinho no Centro Histórico de Salvador, Bahia, Brasil: potencialidades, limites e dilemas da conservação de áreas degradadas. História, cultura e cidade. **Historia Actual**, v. 14, p. 35-74, 2007.

APÊNDICE I - DADOS GERAIS DA PESQUISA

Título da pesquisa: VIVENCIANDO VULNERABILIDADES: UM ESTUDO DE CASO FAMÍLIAS RESIDENTES NO VETOR NORTE DA CIDADE DE SALVADOR.

Pesquisadoras responsáveis: Aucília Maria Santana Silva: discente do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal matriculada na disciplina Pesquisa Orientada, no segundo semestre de 2018.

Objetivos do estudo: o presente trabalho tem por objetivo geral analisar a interferência das vulnerabilidades sociais na dinâmica familiar de mulheres mães em um bairro do vetor norte da cidade de Salvador. Os objetivos específicos são: mapear o contexto de um bairro do vetor norte da cidade de Salvador; correlacionar a atuação das mulheres mães na comunidade e se possuem capital social; analisar como é o envolvimento das mulheres mães na dinâmica familiar, nos aspectos de intergeracionalidade, educação, economia doméstica e relações interpessoais.

Participantes: Serão participantes do estudo seis mulheres mães residentes do Bairro da Paz, contatados por meio da entrevistadora.

Critérios de inclusão: Os participantes devem apresentar os seguintes critérios de inclusão:

- Ser mulher mãe/residir no Bairro da Paz;
- a referida mulher mãe ter idade entre 18 e 60 anos;
- ter filho que foi ou é educando da Associação Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia;
- ter vivência de riscos e vulnerabilidades sociais em sua trajetória de vida;
- as referidas mulheres mães concordarem em participar do estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizando entrevista pessoalmente.

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A senhora está sendo convidada a participar, como voluntário/a, de uma pesquisa intitulada: VIVENCIANDO VULNERABILIDADES: UM ESTUDO DE CASO COM FAMÍLIAS RESIDENTES NO VETOR NORTE DA CIDADE DE SALVADOR, que será desenvolvida pela

pesquisadora Aucília Maria Santana Silva, aluna do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (Ucsal).

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a interferência das vulnerabilidades sociais na dinâmica familiar de mulheres mães em um bairro do vetor norte da cidade de Salvador. A sua participação no estudo consiste em responder questões elaboradas pela pesquisadora na forma de entrevista. O roteiro de entrevista inclui questões relacionadas a compreender como é o envolvimento das mulheres mães na dinâmica familiar, nos aspectos de intergeracionalidade, educação, economia doméstica e relações interpessoais aos cuidados e educação. Terá duração aproximada de 40 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o/a senhor/a poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o/a senhor/a (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o/a senhor/a poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo/a senhor/a, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda das pesquisadoras que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o/a senhor/a será ressarcido/a.
- O estudo apresenta benefícios, conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo/a a refletir sobre a relevância da interferência das vulnerabilidades na dinâmica familiar de mulheres mães.
- Há o risco de constrangimento em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, o/a senhor/a receberá apoio psicológico por parte das pesquisadoras.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o/a senhor/a e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone: Aucília Maria Santana Silva – Telefone: (71) 9948-7575 Email: profa.auciliamaria@gmail.com.br Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba, CEP: 40.231-902 Tel: (71) 3203-8913 | Email: cep@ucsal.br

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE III - ROTEIRO DE ENTREVISTA MULHERES MÃES

Entrevistador(a): _____

Cidade/estado: _____ Data: ____/____/____

I - DADOS SOBRE A MÃE ENTREVISTADA

1. Questionário respondido por: mulher - mãe
2. Idade:
3. Cidade/estado em que reside:
4. Bairro em que reside:
5. Estado civil:
 - A) Está casado(a)/convive com sua mãe ou pai?

 sim não.
 - b) Caso negativo, tem outro cônjuge/companheiro: sim não.
6. Escolaridade:

Completo: ensino fundamental ensino médio ensino superior pós-graduação

Incompleto: ensino fundamental ensino médio ensino superior pós-graduação

 outra:
7. Religião
 - A) Qual a religião predominante em sua família?

 Católica Evangélica Espírita Outras
 - B) Quanto frequenta?

 Semanalmente Quinzenalmente Mensalmente

 Esporadicamente (pelo menos uma vez ao ano) Não frequentam
 - D) Quem apresentou esta religião para à família?
8. Ocupação atual
 - A) Está exercendo alguma atividade remunerada atualmente? sim não

Caso positivo, qual?
 - B) Horas de trabalho por dia:

Quantos dias na semana:

 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala
 - C) Se estiver aposentada(o), especificar desde quando:
 - D) Ele(a) está exercendo alguma atividade remunerada atualmente? sim não

Caso positivo, qual?

Horas de trabalho por dia:

Quantos dias na semana:

 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala

Se estiver aposentado, especificar desde quando:
9. Renda familiar atual (por mês):
 - A) Todos que fazem parte desta família = R\$
 - C) Quais pessoas contribuem para arcar com as despesas da família que a senhora faz parte:
 - D) Esta renda familiar supre as necessidades básicas para sobrevivência?
 Obs.: valor do salário mínimo vigente na ocasião da coleta de dados = R\$

II – Família: concepções e práticas

10. Quem reside na casa:
11. Número de filhos:
12. Número de netos:
13. O que é família para a senhora?
14. Quem faz parte da sua família?
15. Como vocês se protegem?

III. A seguir, constam algumas questões sobre a experiência da senhora como mulher mãe:

16. Qual o significado de ser mãe para a senhora?
17. Como a senhora participa da vida de seus familiares?
18. Como a senhora vê o seu neto daqui há alguns anos?

IV – Avaliando o bairro que você mora

19. Qual o motivo que lhe trouxe a morar no Bairro da paz?
20. Como foi conquistada esta residência familiar?
21. Há parentes morando neste bairro?
22. Vocês têm vontade de ir embora deste bairro?
Justifique?
23. Como é sua relação com os acontecimentos deste bairro:
Como é sua relação com as instituições que aqui atuam (posto de saúde, escola, igrejas, conselho de moradores, projeto Clara Amizade, creches, centro de referência em assistência social, base comunitária)?
24. Como sua família acessa estas instituições?

V – Suas percepções de vulnerabilidade social para esta família:

25. O que a senhora considera risco nesta localidade em que reside?
 26. Quais os acontecimentos que acontecem neste bairro que deixa estes membros familiares preocupados?
 27. Qual é a orientação desta mulher mãe para que as pessoas que moram aqui se protejam?
 28. Quais instituições e profissionais ajudam no cuidado e preservação deste bairro?
 29. O que aqui neste bairro não tem e precisa ter?
30. A senhora quer acrescentar algo sobre o que conversamos?

Obrigada pela colaboração.

ANEXO I - CARTA DE ANUÊNCIA



Associação "Os Amigos de Clara Amizade Brasil-Bahia" (AACBA)

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Gerardine Nathalie Koffi, coordenadora da Instituição Associação Os Amigos de Clara Amizade Brasil Bahia, aceito a pesquisadora Aucília Maria Santana Silva do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), coletar dados da pesquisa intitulada Famílias que vivenciam as vulnerabilidades: estudo de caso de famílias residentes no vetor norte da cidade de Salvador, sob orientação do Profa Dra. Ana Cecília de Souza Bastos, e co-orientação do Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos, que tem como objetivo Analisar a interferência das Vulnerabilidades sociais na dinâmica familiar de mulheres mães em um bairro do vetor Norte da Cidade de Salvador.

Serão utilizados como instrumentos de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas com gravação para análise e contextualização da história de vida das famílias na atuação da pesquisadora que atua na OSC Associação Os Amigos de Clara Amizade Brasil Bahia. Contendo uma ficha com dados socio-demográficos referentes a idade, sexo, classe social, série escolar do participante um questionário elaborado pela pesquisadora contendo 30 questões buscando responder como como é o envolvimento das mulheres mães na dinâmica familiar, nos aspectos de intergeracionalidade, educação, economia doméstica e relações interpessoais residentes no vetor norte da cidade de Salvador.

Para o contato com as mulheres mães, participantes da pesquisa, será solicitado o consentimento mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os resultados obtidos serão utilizados para fins científicos.

Esclarece-se, ainda, que a pesquisa contemplará os princípios éticos da pesquisa conforme preconizam as Resoluções 466/2012-510/2016 CNS/CONEP. Ciente dos objetivos e da metodologia proposta da pesquisa acima citados, concedo a anuência para o seu desenvolvimento.

A Instituição apresenta infraestrutura para a realização da pesquisa.

Salvador, 20 de setembro de 2018

Local /Data

Gerardine Nathalie Koffi

Assinatura

AACBA
Ass. Os Amigos de Clara Amizade Brasil - Bahia
Rua Eduardo Santos, nº 01 - Piatã
CEP: 41.650-075 - Salvador/BA
Fone: (71) 3375-5135

Rua Eduardo Santos, nº 01, Quadra 18 – Piatã – 41.650-075 - Salvador/BA.
Tel.: (0**71) 3375-5135 – e-mail: camizade.bahia@yahoo.com.br